

MESTRADO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE

**PAPEL DO AJUSTAMENTO DIÁDICO E
DA PERCEÇÃO DE APOIO SOCIAL NA
*STEPPARENTALIDADE***

Maria Inês Rodrigues Gomes de Sousa

Ramalho

M

2022



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**PAPEL DO AJUSTAMENTO DIÁDICO E DA PERCEÇÃO DE APOIO SOCIAL
NA *STEPPARENTALIDADE***

Maria Inês Rodrigues Gomes de Sousa Ramalho

Outubro 2022

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado em Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pelo Professor Doutor José Albino Lima (FPCEUP) e pela Professora Doutora Mariana Veloso Martins (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

Terminado este percurso não posso deixar de agradecer às pessoas que tornaram possível este final.

Obrigada ao Professor José Albino Lima, à Professora Mariana Martins e à Dra. Carina Santos pela constante disponibilidade, orientação e apoio nestes meses desafiantes.

Obrigada à Joana, ao João e à Xana pelo ombro amigo. Por me deixarem falar horas a fio. Pela paciência em ouvir os meus medos e os meus sonhos. Por me ajudarem a crescer.

Obrigada à Hélia, pela resposta imediata a todas as minhas dúvidas.

Obrigada à Bruna por ser o meu pilar durante mais de cinco anos dentro e fora da faculdade. Em Ciências da Educação nos conhecemos e em Psicologia nos encontramos. Não tinha conseguido chegar até aqui sem ti. Obrigada por nunca me deixares duvidar de mim mesma.

Obrigada aos meus pais, à minha irmã e à minha família por me tornarem a pessoa que sou hoje. Por estarem sempre presentes. Por me terem levantado quando mais precisei. Por acreditarem em mim e entenderem como sou apaixonada por este curso. Nada disto teria sido possível sem vocês. Espero ter-vos deixado orgulhosa.

A todos,

O meu profundo e eterno agradecimento.

Resumo

As famílias de recasamento não são um fenómeno recente na nossa sociedade. Embora a comunidade científica esteja cada vez mais interessada em compreender a sua realidade, a verdade é que estas estruturas familiares ainda são vítimas de mitos e ideologias que não atendem às características e aos desafios que as diferenciam das famílias de primeiros casamentos; colocando estes casais em maior risco de separação conjugal e conseqüente dissolução do sistema familiar. A literatura diz-nos como a relação entre madrasta e enteado parece ser a mais difícil de estabelecer (DeLongis & Zwicker, 2017) dada a ambigüidade de papéis, distanciamento físico e estereótipos associados.

Por conseguinte, o presente estudo procurou compreender a relação entre a perceção de apoio social, o nível de ajustamento diádico e a parentalidade em contexto de recasamento (*stepparentalidade*) numa amostra de 81 madrastas. Para tal foram utilizados os instrumentos: Escala de Ajustamento Diádico-Revista, a Escala Multidimensional de Suporte Social Percebido e o *Step-Parents as a Social Context Questionnaire*. A análise estatística incluiu testes de comparação de médias, análise de correlações e regressões múltiplas hierárquicas. Os resultados obtidos mostraram relações significativas entre todas as variáveis em estudo. No que compete às regressões hierárquicas, os modelos que integravam as dimensões de ajustamento diádico e da perceção do apoio social mostraram contribuir significativamente para a variação de ambas as componentes da *stepparentalidade*; validando assim a importância deste estudo na compreensão de como o ajustamento da díade conjugal e o apoio social percebido impactam o bem-estar dos elementos do sistema e o futuro destas famílias.

Estudos futuros devem procurar focar as suas análises nas relações entre o ajustamento diádico, a perceção de apoio social e a parentalidade relativamente a outros elementos das famílias de recasamento, como padrastos e os pais e mães recasados(as), assim como em amostras maiores de madrastas. É também importante compreender a diferença entre viver numa família simples e numa família complexa.

Palavras-chave: Ajustamento diádico; Apoio Social; Parentalidade; Recasamento; Madrastas.

Abstract

Remarried families are not a recent phenomenon in our society. Although the scientific community is increasingly interested in understanding their reality, the truth is that these families are still victims of myths and ideologies that do not address the characteristics and challenges that differentiate them from first-marriage families; putting these couples at greater risk of marital separation and consequent dissolution of the family system. Literature suggests that the relationship between stepmother and stepchild is the most difficult to establish (DeLongis & Zwicker, 2017) given the role ambiguity, physical distance, and associated stereotypes.

Therefore, this study aimed to understand the relationship between perceived social support, dyadic adjustment and stepparenting in a sample of 81 stepmothers. The following instruments were used: Dyadic Adjustment Scale, the Multidimensional Scale of Perceived Social Support, and the Step-Parents as a Social Context Questionnaire. Statistical analysis included mean comparison tests, correlation analysis, and hierarchical multiple regressions. The results showed significant relationships among all the variables under study. Regarding hierarchical regressions, the models that integrated dyadic adjustment and perceived social support were shown to contribute significantly to the variation of both components of stepparenting; which validates the importance of this study in understanding how marital dyad adjustment and perceived social support impact the well-being of the system members and the future of these families.

Future studies should focus their analyses on the relationships between dyadic adjustment, perceived social support, and parenting in relation to other elements of remarriage families, such as stepfathers and remarried fathers and mothers, as well as in larger samples of stepmothers. It is also important to understand the difference between living in a simple family and a complex family.

Keywords: Dyadic Adjustment; Social Support; Parenting; Remarriage; Stepmothers.

Résumé

Les familles remariées ne sont pas un phénomène récent dans notre société. Bien que la communauté scientifique s'intéresse de plus en plus à leur réalité, la vérité est que ces structures familiales sont encore victimes de mythes et d'idéologies qui ne tiennent pas compte des caractéristiques et des défis qui les différencient des familles constituées d'un premier mariage, ce qui expose ces couples à un risque accru de séparation conjugale et de dissolution du système familial. La littérature nous apprend comment la relation entre belle-mère et bel-enfant semble être la plus difficile à établir (DeLongis & Zwicker, 2017) étant donné l'ambiguïté des rôles, la distance physique et les stéréotypes associés.

Par conséquent, cette étude visait à comprendre la relation entre le soutien social perçu, le niveau d'ajustement dyadique et le stepparenting dans un échantillon de 81 belles-mères. À cette fin, les instruments suivants ont été utilisés : L'échelle d'ajustement dyadique, l'échelle multidimensionnelle de soutien social perçu et le questionnaire sur les beaux-parents en tant que contexte social. L'analyse statistique comprenait des tests de comparaison des moyennes, l'analyse des corrélations et des régressions multiples hiérarchiques. Les résultats obtenus ont montré des relations significatives entre toutes les variables étudiées. En ce qui concerne les régressions hiérarchiques, les modèles intégrant les dimensions de l'ajustement dyadique et du soutien social perçu ont montré des contributions significatives à la variation des deux composantes du stepparenting ; validant ainsi l'importance de cette étude pour comprendre comment l'ajustement de la dyade conjugale et le soutien social perçu impactent le bien-être des membres du système et l'avenir de ces familles.

Les études futures devraient chercher à concentrer leur analyse sur les relations entre l'ajustement dyadique, le soutien social perçu et le parentage en relation avec d'autres éléments des familles remariées, tels que les beaux-pères et les pères et mères remariés, ainsi que dans des échantillons plus importants de belles-mères. Il est également important de comprendre la différence entre la vie dans une famille simple et une famille complexe.

Mots-clés: Ajustement dyadique; Soutien social; Parentage; Remariage; Belle-mère.

Índice

1. Enquadramento.....	1
1.1 Recasamento e Famílias de Recasamento	1
1.1.1 Parentalidade e “Stepparentalidade”	3
1.1.2 Ser Madrasta.....	7
1.1.3 Satisfação Conjugal em contexto de recasamento.....	8
1.1.4 Perceção de Apoio Social	11
1.2 O presente estudo.....	12
2. Método	14
2.1 Participantes.....	14
2.2 Instrumentos.....	16
2.2.1 Questionário Sociodemográfico	16
2.2.2 Escala de Ajustamento Diádico – Revista (EAD-R).....	16
2.2.3 Escala Multidimensional de Suporte Social Percebido (MSPSS-P)	16
2.2.4 <i>Step-Parents as a Social Context Questionnaire</i> (S-PASCQ – questionário para madrastas).....	17
2.3 Procedimento de análise de dados	18
3. Resultados	20
3.1 Comparação de médias	20
3.2 Análise de Correlações	23
3.3 Regressões Múltiplas Hierárquicas.....	25
4. Discussão.....	28
5. Conclusão.....	35
6. Referências Bibliográficas	37
7. Anexos.....	44

1. Enquadramento

1.1 Recasamento e Famílias de Recasamento

As estruturas familiares estão em mudança. Não em valor, mas em definição. Após anos de investigação é inquestionável o papel basilar que as relações familiares ocupam na vida e no desenvolvimento do indivíduo. Contudo, é necessário desconstruir o conceito comumente descrito como um grupo que inclui unicamente pais e filhos biológicos, e expandir a sua representação para um sistema que abarca todas as formas de *ser família*. O que antes era bem definido e delimitado pelos laços de consanguinidade, é hoje também influenciado pelo parentesco, coabitação e afinidade (Wagner, 2011; citado em Prá, 2013), existindo por isso maior permeabilidade e predisposição a flutuações e mudanças, instigado pela ocorrência de fenómenos históricos, sociais e políticos (Wagner & Levandowski, 2008; citado em Prá, 2013), como sendo a alteração do papel da mulher na sociedade e a mudança no paradigma da sexualidade. Onde antes era apenas válido o modelo tradicional (pai, mãe e filhos), existe cada vez mais a necessidade de incorporar a análise e o estudo de estruturas e configurações distintas, como as famílias de recasamento, monoparentais, multigeracionais, homoafetivas e de acolhimento.

Neste estudo propomos explorar as famílias de recasamento, uma população que embora esteja gradualmente a despertar o interesse da comunidade científica, ainda carece de compreensão e reflexão. Sinteticamente, entende-se por *recasamento* a união de indivíduos que passaram por uma relação anterior, terminada por falecimento do cônjuge ou divórcio (Lobo & Conceição, 2003) – estando incluídas tanto as uniões legais como as uniões de coabitação sem vínculo legal. Quando existem filhos de relações anteriores assistimos à formação de uma *família de recasamento* (Visher & Visher, 1988; Carter, 1995; citados em Costa & Dias, 2012), que pode ser designada por “família complexa” quando ambos os cônjuges possuem filhos de uniões anteriores ou por “família simples”, quando apenas um dos parceiros possui filhos (Garneau et al., 2015; Higginbotham & Adler-Baeder, 2008; Uyeki, 2019). Desta forma, é possível compreender que nem todos os recasamentos originam famílias de recasamento, isto porque, nem todos os indivíduos, quando iniciam uma nova relação, possuem, previamente, filhos.

Não é novidade que as famílias de recasamento não são um fenómeno recente. No entanto, a comunidade científica depara-se com dificuldades na obtenção de informações estatísticas que o descrevam com exatidão (Beier et al., 2010; Bramlett & Mosher, 2001; Brown & Manning, 2011; Cherlin, 2010; Navarro, 2013; citados em Ganong & Coleman,

2017), e assim possibilitem a obtenção de uma imagem representativa desta população. Por conseguinte, recorre-se, frequentemente, a indicadores indiretos que facilitem uma melhor compreensão do processo inerente à construção de novas famílias, como por exemplo, o divórcio. Em Portugal, a recolha de dados oficiais sustenta um aumento exponencial da taxa de divórcios entre 2000 e 2021 (de 30% para 59,5%) (PORDATA, 2022). Paralelamente, o levantamento de informações revela que, no que respeita aos casamentos entre pessoas do sexo oposto, diferenciados pelo estado civil anterior do cônjuge do sexo masculino, em 2021, 24,3% dos casamentos oficializados correspondiam a indivíduos divorciados, o que traduz um crescimento significativo do número registado em 2000 – 8,4%. Relativamente ao sexo feminino, os valores seguem a mesma direção, isto porque, entre 2000 e 2021, a taxa de casamentos onde o cônjuge feminino estava divorciado, aumentou de 6,7% para 21,9% (PORDATA, 2022). No que compete às situações de viuvez, os números assemelham-se bastante tanto em homens quanto em mulheres, tendo sido verificado em 2021, uma taxa de 1% de recasamentos em mulheres viúvas e 1,2% em homens viúvos (PORDATA, 2022). A respeito do rigor destes dados é importante referir que não se encontram incluídos casais que optam apenas pela coabitação e não pela legalização de um novo casamento. Ademais, aquando da escrita deste trabalho, muitas famílias portuguesas continuam a sofrer os danos provocados pela pandemia COVID-19 iniciada em 2020. Considerando as dificuldades inerentes a uma pandemia, uma transição familiar seria, para muitos, apenas mais uma fonte de instabilidade financeira, relacional e familiar, e assim uma decisão que teve de descer na lista de prioridades. Assim sendo, existe uma forte suspeita destes números retratarem meramente uma pequena parte da população de casais recasados e respetivas famílias de recasamento.

Outro ponto a mencionar passa pela mudança histórica dentro do próprio fenómeno do recasamento. Até aos anos 70 as novas uniões conjugais ocorriam maioritariamente em consequência da morte de um dos indivíduos, estando subjacente a “reconstrução” da família inicial, com a ocupação do lugar do parceiro falecido pelo novo membro (Brimhall & Chizk, 2019; Ganong & Coleman, 2017; Rocha, 2021). Com o aumento das taxas de divórcio, os padrastos e as madrastas passaram de substituir pais falecidos para serem chamados a integrar um sistema parental pré-estabelecido (Brimhall & Chizk, 2019); o que exemplifica apenas um dos grandes desafios que a nova família terá de enfrentar.

Ao contrário do que sucede num primeiro casamento, onde a relação primordial é a díade conjugal, num recasamento, existe uma panóplia de subsistemas e relações, trazidas por ambos os indivíduos de histórias anteriores ao relacionamento atual, que não pode de forma alguma ser desconsiderada. Falamos da relação com os ex-cônjuges, do convívio entre enteado-padrasto/madrasta e relacionamento entre os co-irmãos (Oliveira, 2005) e os meios-irmãos. Para além do sistema metafamiliar, que inclui pessoas como avós, sogros, tios, primos e outras pessoas significativas que influenciam o sistema central. Subsistemas estes constituídos por indivíduos singulares, que transportam consigo expectativas e medos, crenças e estereótipos.

1.1.1 Parentalidade e “Stepparentalidade”

O sistema parental é um pilar fundamental das famílias com filhos. Embora sejam altamente influenciadas pelo contexto sociocultural de cada família, podemos sustentar que as responsabilidades e funções parentais passam por satisfazer as necessidades básicas de saúde e sobrevivência dos seus filhos, ao mesmo tempo que possibilitam ambientes afetuosos e seguros que promovam favoravelmente o desenvolvimento físico, psicológico, emocional e social das crianças (Cruz, 2005 citado em Borges, 2010). As práticas parentais podem ser associadas a estilos parentais distintos, diferenciados pelos níveis de responsividade e exigência; sendo eles: autoritativo, permissivo, negligente e autoritário (Maccoby & Martin, 1983 citado em Santos, 2022). O estilo autoritativo define-se como uma combinação equilibrada de afeto e assertividade; o estilo permissivo apresenta níveis baixos de exigência, mas elevada responsividade. Práticas parentais com altos níveis de exigência e baixa responsividade caracterizam o estilo autoritário, enquanto uma parentalidade com baixos níveis de exigência e responsividade define o estilo negligente (Kison, 2011; Santos, 2022). Sabe-se que a parentalidade positiva, vinculada ao estilo parental autoritativo, prediz níveis mais elevados de bem-estar psicológico das crianças e jovens (Gomes, 2019).

Para compreender os fatores que influenciam a parentalidade, Belsky desenvolveu um modelo teórico baseado na teoria ecológica onde sustentava que as práticas parentais poderiam ser determinadas: pelas características dos pais, pelas características da criança e pelo contexto cultural onde estão inseridos (1984; Barroso & Machado, 2010; Belsky & Jeffee, 2015; Coltro et al., 2020; Gomes, 2019; Silva & Vieira, 2018). Relativamente às características dos pais, o autor refere que certos traços de personalidade podem predizer práticas parentais mais positivas, por exemplo, indivíduos que apresentem níveis

elevados de extroversão e amabilidade e níveis reduzidos de neuroticismo poderão envolver-se em padrões parentais de “maior suporte, responsividade e estimulação intelectual” (Belsky & Jaffee, 2015; Vondra et al, 2005 citados em Barroso & Machado, 2010). Por outro lado, o temperamento da criança irá influenciar diretamente as respostas das figuras parentais. Crianças mais agressivas e que apresentam maiores níveis de irritabilidade estão mais propensas a vivenciar práticas parentais negativas (Pike et al., 1996 citado em Belsky & Jaffee, 2015) e crianças que apresentam melhores níveis de autorregulação e afetos positivos experienciam respostas parentais mais positivas (Hinde, 1989; Kyrios & Prior, 1990 citados em Belsky & Jaffee, 2015). Por último, a influência do contexto sociocultural sobre a parentalidade está associada à situação profissional, à rede de suporte social, à relação conjugal e às características da comunidade e da vizinhança (Belsky 1984; Belsky & Jaffee, 2015; Barroso & Machado, 2010). O autor assume que estas dimensões sociais vão impactar o bem-estar psicológico dos progenitores que, em consequência, afetarão as práticas parentais (e o desenvolvimento da criança) (Belsky & Jaffee, 2015; Coltro et al., 2020).

Numa família tradicional, os papéis e as responsabilidades parentais encontram-se, normalmente, bem estabelecidos e delimitados, segundo as normas históricas e sociais predominantes. Quando existe uma rutura da díade conjugal, dá-se inevitavelmente uma mudança na vida dos pais e dos filhos que implica uma reestruturação não só da relação pais-filhos, quanto do próprio casal.

No recasamento, a entrada de um novo elemento vai desafiar novamente a estabilidade, por vezes recém-adquirida, deste sistema parental, o que significa delimitar mais uma vez as fronteiras dos subsistemas. Segundo Sager e colaboradores (1983; Oliveira, 2005), o termo “fronteiras” descreve o conjunto de fatores que influenciam a identidade da família, podendo ser mais ou menos subjetivas dependendo do grau de intimidade que os membros do sistema possuem entre si. Com as famílias de recasamento, as fronteiras são frequentemente ambíguas, levando a que os indivíduos duvidem da sua identidade, das suas funções e dos seus papéis dentro do sistema (Oliveira, 2005). Tal ambiguidade advém da falta de normas sociais e legalizações específicas que determinem as responsabilidades e os direitos dos padrastos e das madrastas nos diferentes contextos. Como qualquer outro grupo que se desvie do padrão considerado normativo, o recasamento ainda é percecionado como uma família de segunda categoria. Cherlin (1978) definia o recasamento como uma “instituição incompleta”, defendendo que, embora a natureza da família estivesse em mudança, a falta de linguagem e legislação

adequada ainda beneficiava institucionalmente as famílias do primeiro casamento. A ideologia da família nuclear assenta no pressuposto de que a família original, isto é, a família do primeiro casamento, é vista como o modelo exemplar ao qual outras estruturas familiares devem ser comparadas – promovendo expectativas irrealistas dos casais de recasamento que visam igualar as dinâmicas da nova família ao funcionamento do sistema anterior, como é exemplo a crença de que o amor acontecerá instantaneamente entre os membros da nova família (Travis, 2003). Sobre a linguagem, a própria denominação que inclui o prefixo “re” é por si só promotor de uma tentativa de reprodução da família anterior, o que significa a repetição de padrões comportamentais antigos, por vezes problemáticos, que aumentam o risco de fracasso e, conseqüentemente, de novas dissoluções, ao invés de uma adaptação específica às diferentes pessoas que compõem esta família (Cano et al., 2009).

Nas situações onde um dos pais biológicos não está presente, por falecimento ou afastamento, o pai/mãe recasado(a) pode esperar que o novo companheiro venha preencher esta ausência e assuma uma responsabilidade parental com os seus filhos. Por outro lado, quando ambos os pais biológicos estão presentes na vida das crianças, as dificuldades passam por definir papéis que respeitem todos os envolvidos. De acordo com Emery (2012; citado em Martins, 2016), de forma a manter um relacionamento coparental saudável, as fronteiras entre os sistemas parental e conjugal devem ser suficientemente permeáveis para possibilitar a integração dos padrastos/madrastas enquanto figuras parentais, no entanto, rígidas para que os progenitores biológicos não sintam que os seus papéis sejam ameaçados. Contudo, esta determinação não é imediata e terá influência não apenas na relação do casal como na relação do padrasto e da madrastra com os seus enteados. A construção de fronteiras é, por isso, essencial para o estabelecimento de uma coparentalidade positiva entre todas as figuras parentais, assim como para o futuro da díade conjugal. Na união anterior, o ex-parceiro dispunha de um lugar privilegiado tanto no sistema parental como no sistema conjugal. Após as transições familiares, o sistema parental mantém-se, permitindo que os indivíduos continuem presentes na vida um do outro. A sua presença poderá, contudo, ser vista como uma invasão ao sistema conjugal, caso as fronteiras e os papéis não se encontrem bem definidos e delimitados.

O novo membro definirá a sua identidade enquanto figura parental com base nas suas experiências passadas, opiniões e expectativas. Dada a ausência de terminologia adequada na língua portuguesa que defina a parentalidade dos padrastos e das madrastas, faremos uso de uma adaptação da terminologia inglesa - “stepparentalidade”. A literatura

diz-nos que os pais biológicos tendem a ser mais compreensivos e carinhosos com os seus filhos, enquanto os “pais” por conjugalidade mostram preferência por posturas mais assertivas e autoritárias (Faroo, 2012; Nozawa, 2015; Papernow, 2015a, 2016d; Tai, 2005; Webber, 2003 citado em Papernow, 2017; Rocha, 2021). Um estudo de Genovese e Genovese (1997; Travis, 2003) observou que, embora as problemáticas entre o padrasto/madrasta-enteado sobre as figuras de autoridade não diminuísse a estabilidade do recasamento, as divergências sobre os estilos parentais expunham o casal a maiores níveis de conflito, estando associados ao insucesso das relações. Moore e Cartwright, (2005 citado em Kison, 2011) sustentam ainda que os enteados assumem posições de maior resistência quando os “pais” por conjugalidade tentam adotar estilos parentais autoritários e autoritativos no início da relação; no entanto, respondem positivamente ao estilo autoritativo quando o papel de figura parental é gradualmente alcançado.

Todavia, é compreensível a dificuldade dos padrastos e das madrastas em definir com exatidão quais os seus limites enquanto figura parental, principalmente quando existe um regime de coabitação – não é seu filho biológico, mas é seu dependente. Existe por isso a necessidade de construir e solidificar relações de confiança com os enteados antes de recorrer a estratégias de maior assertividade (Moore & Cartwright, 2005 citado em Kison, 2011; Ganong & Coleman, 2017; Papernow, 2017). Como afirma Papernow (2017), é necessário desenvolver uma conexão emocional entre padrasto/madrasta-enteado antes de existirem práticas parentais de correção ou de autoridade.

A construção do vínculo emocional entre enteados e padrastos/madrastas é assim influenciada pela resposta que cada elemento produz à tentativa de aproximação do outro. Para melhor compreender o desenvolvimento destas relações, Ganong e Coleman (2017) conceitualizaram um modelo de seis padrões que refletia a trajetória do vínculo criado entre os membros: “aceitação enquanto figura parental” (*accepting as a parent*); “ligados desde o início” (*linking from the start*); “aceitação com ambivalência” (*accepting with ambivalence*); “mudança de trajetória” (*changing trajectory*); “rejeição” (*rejecting*); e “em coexistência” (*coexisting*).

A *aceitação como figura parental* descreve um relacionamento onde o padrasto/madrasta esteve presente na vida da criança desde muito cedo, dificultando a lembrança do início da relação. De outro modo, *ligados desde o início* caracteriza um vínculo desenvolvido de forma rápida, normalmente através de interesses em comum; ao invés de uma figura de autoridade, o novo membro mostra-se disponível a desfrutar dos momentos juntos, criando um relacionamento de amizade com a criança. Enquanto a

aceitação com ambivalência mostra uma melhoria e um acolhimento gradual do sujeito, a *mudança de trajetória* define as relações onde, inicialmente, os enteados não desenvolveram afinidade com o novo membro, tendo mais tarde alterado a sua visão, ao compreender as vantagens que a sua presença trazia para o sistema. Contrariamente, no padrão de *rejeição* identificam-se as relações onde não existiram esforços do padrasto/madrasta para construir um vínculo com as crianças, o que resultou num afastamento emocional evitativo, por vezes hostil, dos enteados para com o novo parceiro dos pais. Por fim a *coexistência* representa as relações onde os enteados não demonstraram interesse em conhecer o outro, existindo, no entanto, uma relação respeitosa (Ganong & Coleman, 2017).

Na aceitação dos novos parceiros dos pais, podem ser gerados conflitos de lealdade, principalmente no que respeita ao pai/mãe biológico(a) - externo à nova família. A criação do vínculo emocional gera assim sentimentos de culpa nos filhos, provocados pela percepção de estarem a trair a relação com os progenitores (Kelley, 1996; Sager et al., 1983; Visher & Visher, 1988 citados em Travis, 2003).

1.1.2 Ser Madrasta

Entre todas as relações da nova família, a relação da madrasta com os enteados parece ser a mais difícil de estabelecer (DeLongis & Zwicker, 2017), seja pelo distanciamento físico, pelas fronteiras ambíguas ou pelos estereótipos associados.

Entre os dois pais biológicos, a mãe continua a ocupar uma posição mais próxima e presente na vida dos filhos. Desta forma, situações onde os enteados residem maioritariamente do tempo com o padrasto são mais frequentes, o que facilita o processo de integração desta nova figura parental (Gates, 2019). Kehnt e os seus colaboradores (2019) sustentam que o tempo que os “pais” por conjugalidade e enteados passam juntos, facilita o desenvolvimento de uma relação de maior proximidade, e, por conseguinte, a criação de um vínculo emocional. Esta suposição contraria o pressuposto de que a figura parental não residente é capaz de construir uma relação mais leve com a criança por não estar presente nos “momentos parentais” mais difíceis (Kehnt et al., 2019).

Nesta linha de pensamento, as madrastas acabam por sentir que o seu papel é mais ambíguo. Ganong e Coleman (2017) alertam para as expectativas que a sociedade possui sobre a madrasta na família de recasamento, tanto enquanto figura maternal, como de cuidadora primordial da casa e do bem-estar da família. Contudo, nem todas as mulheres almejam ser mães, sendo por isso necessário combater a ideologia de um papel que pode

não ser desejado pelas madrastas. Paralelamente, surge também a dificuldade de construir relações positivas com o enteado e o receio de desenvolver uma relação de competição com a mãe biológica (Ganong & Coleman, 2017; DeLongis & Zwicker, 2017). Quando as mulheres possuem filhos de relacionamentos anteriores podem temer que a proximidade aos enteados prejudique a relação com os seus próprios filhos.

Levanta-se ainda o desafio de combater o estereótipo da “madrasta má”, isto é, a imagem insensível e cruel frequentemente retratada nos contos infantis que todos crescemos a ouvir, de mulheres que maltratam os seus enteados, motivadas por ciúmes ou competição por recursos (Cartwright, 2014 citado em Miller et al., 2018).

Atendendo a todas estas problemáticas, compreende-se que as madrastas reportem maiores níveis de stress, ansiedade e depressão comparativamente aos outros membros do sistema (Shapiro & Stewart, 2011; Miller et al., 2018).

1.1.3 Satisfação Conjugal em contexto de recasamento

O crescimento das famílias de recasamento mostra-nos que, mesmo após o sofrimento causado por relacionamentos falhados, o ser humano continua à procura de alguém com quem possa partilhar a vida. Silva (2016), na sua investigação sobre a conjugalidade e a parentalidade no recasamento, encontrou informações sobre os motivos que levavam os indivíduos a recasar, aparecendo descrito o desejo de apoio e companheirismo e a vontade de ser feliz após um relacionamento anterior mal sucedido. Noutra perspetiva, Ganong e Coleman (2017), denotam que, comparativamente a outros casais, os indivíduos de recasamento são mais pragmáticos, valorizando, para além dos motivos anteriormente descritos, a segurança financeira, a ajuda para educar os filhos, a vontade de ter alguém que cuide deles, a gravidez, a conveniência e o suporte contra a solidão (De Jong Gierveld & Merz, 2013; Wilmoth & Koso, 2002). Papernow (1987) afirma que

os casais que voltam a casar são afetados pelos desejos e anseios específicos gerados pela sua história singular: o desejo de que os membros da nova família se amem da mesma forma que os membros da família biológica; a convicção de que o novo cônjuge será melhor pai ou mãe para as crianças do que o ex-cônjuge; o desejo de que esta nova família cure as dores do divórcio prévio ou da morte; a fantasia de que o padrasto/madrasta e seus enteados sentirão o mesmo carinho que os membros do casal têm entre si (p. 632; Garneau et al., 2015 citado por Uyeki, 2019).

Atendendo à elevada complexidade destas constituições familiares e aos desafios únicos com que são defrontados, o casal recasado mostra maior risco de insatisfação conjugal e conseqüente dissolução,- uma taxa aproximadamente 10% mais elevada às dissoluções de primeiros casamentos (Brimhall & Chizk, 2019). É também apontado que o ajustamento das novas famílias demore entre três e cinco anos, e possa ser influenciado pelas dificuldades com que são defrontadas (Lima, 2008 citado em Silva et al, 2012).

Silva (2012) alerta para a importância de diferenciar os conceitos de ajustamento conjugal e satisfação conjugal, termos estes habitualmente utilizados como sinónimos. A autora explica o ajustamento conjugal pela adoção de determinados comportamentos dos indivíduos inseridos na relação, estando incluídas quatro dimensões (consenso, coesão, satisfação e expressão de afetos) (Silva, 2012). O consenso diádico descreve o nível de concordância dos elementos do casal sobre questões financeiras, religiosas, objetivos e metas. A satisfação diz respeito às perceções de bem-estar, arrependimento e possibilidade de separação, enquanto a coesão abarca o nível de partilha emocional da díade conjugal, de envolvimento mútuo nos interesses de ambos, na estimulação de ideias e também sobre a diversão conjunta. Por fim, a expressão de afetos refere-se ao entendimento sobre as relações sexuais e demonstrações de afeto (Bessa, 2012). A satisfação é então apenas uma das dimensões que caracteriza o nível de ajustamento da díade conjugal, possuindo, desta forma, um papel importante sobre a felicidade do casal e futuro da relação.

Nas famílias de recasamento, a necessidade de repartir a atenção pelos vários elementos do sistema pode resultar na falta de tempo e de espaço para o casal solidificar a sua relação, levando a maior instabilidade e falta de coesão conjugal (Higginbotham et al., 2013); principalmente quando o indivíduo recasado integrou uma família monoparental durante muito tempo, uma vez que aprendeu a priorizar unicamente os filhos, podendo sentir maior dificuldade em repartir a atenção pelos filhos e pelo novo parceiro, e assim priorizar a sua relação conjugal (Higginbotham, 2005).

Falke e Larson (2007; Vicente, 2017) identificaram os principais preditores da satisfação conjugal, sendo eles: a qualidade da relação entre o enteado e o padrasto/madrasta, a complexidade da família de recasamento, a existência de ligação com ex-cônjuges, uma história marcada por recasamento em série, isto é, sujeitos que tenham sido casados várias vezes e, por último, as dificuldades económicas.

Relativamente às influências do primeiro casamento, os autores revelam resultados variados. Enquanto alguns estudos evidenciam que a existência de enteados pode contribuir para a insatisfação conjugal (Teachman, 1986; Aguierre & Kirwam, 1986; Hobart, 1991 citados em Falke & Larson, 2007), outros não encontraram resultados significativos que sustentem o seu impacto negativo (Furstenberg & Spanier, 1984; Bumpass, 1989 citados em Falke & Larson, 2007). No entanto, embora a maioria do conteúdo científico refira que este fator possui algum impacto negativo na relação conjugal, parece não ser em si a presença de enteados, mas sim a relação estabelecida entre enteados e padrastos/madrastas, bem como a percepção do indivíduo de que o parceiro atua de forma diferente com os filhos de ambos (biológicos e de recasamento) (Falke & Larson, 2007). Estes dados associam-se à complexidade da família, que também parece ser um fator preditor da satisfação, isto é, quanto mais complexo for o sistema, maior a probabilidade de insatisfação conjugal (Falke & Larson, 2007).

Um histórico de múltiplos casamentos, intitulado na literatura como *serial marriage* (Falke & Larson, 2007), pode aumentar a tendência do casal a apresentar níveis mais elevados de infelicidade. Isto acontece porque os indivíduos parecem possuir traços de personalidade mais predispostos ao divórcio (McCranie & Kahan, 1986; citado em Falke & Larson, 2007). Quando comparados a sujeitos percebidos como mais normativos, indivíduos que tinham vivenciado vários casamentos alcançaram pontuações mais elevadas em diferentes medidas, como estilos de vida menos estruturados, estilos de vida de maior risco e maior impulsividade (Falke & Larson, 2007).

Por último, como supramencionado, tanto a ambiguidade de papéis e fronteiras, como a incongruência de expectativas têm sido associadas a maiores níveis de insatisfação com a relação conjugal. A investigação comprova que, quanto mais irrealistas forem essas crenças, menor o ajustamento e a qualidade conjugal (Möller & Van Zyl, 1991; citado em Garneau et al., 2015). A ambiguidade familiar pode promover menores níveis de consenso conjugal, no sentido de dificultar a implementação de normas e regras dentro do espaço familiar, na indefinição dos deveres, direitos e responsabilidades. Por exemplo, no que compete à distribuição financeira, pode surgir relutância em sustentar economicamente um enteado, emergindo assim opiniões distintas dentro do sistema parental que provocam maior desajustamento diádico (Gold, 2010).

1.1.4 Perceção de Apoio Social

Uma boa rede de apoio é fulcral para o bem-estar do indivíduo, seja ela constituída pelo parceiro amoroso, familiares, amigos ou outros profissionais. Em termos conjugais, o apoio social surge como um elemento-chave tanto nas famílias nucleares como nas famílias de recasamento. Concretamente, podemos definir o apoio social pela sua estrutura e composição (quem faz parte), e pela sua funcionalidade, isto é o modo como influencia a vida do sujeito; estando incluídos o apoio afetivo – demonstrações de afeto e amor –, apoio emocional – comportamentos de escuta e confiança – e o apoio instrumental (Coltro et al., 2020). Esta rede e o apoio percecionado auxiliam o indivíduo a gerir situações stressantes e ultrapassar momentos de crise, como são exemplos as transições familiares do divórcio e do recasamento.

A investigação sustenta que nas famílias de recasamento, os padrastos e as madrastas tendem a sentir-se excluídos (Guerrero & Valadez, 2005), dada a indefinição do lugar que ocupam, exibindo maior dificuldade em comunicar a necessidade de suporte e ajuda (Jacobson, 1990 citado em Johnson et al, 2008). Essa problemática parece estar associada aos estereótipos sociais, no sentido em que impede os “pais” por conjugalidade de partilhar os seus dilemas com pessoas que não possuem as mesmas experiências, pelo receio de não serem compreendidos e aceites (Ganong & Coleman, 2017).

A não perceção de apoio social é principalmente preocupante nas madrastas. A expectativa não correspondida de que os companheiros operem como mediadores na relação com os enteados e com as mães biológicas, gera níveis mais elevados de stress (Ganong & Coleman, 2017; Jones, 2004 citado em Johnson et al., 2008). Desta forma, parece existir a necessidade de procurar apoio fora da rede pré-existente, com o objetivo de encontrar indivíduos que partilhem os seus dilemas e as suas realidades, enquanto se protegem do julgamento social.

Para além da relação entre apoio social e ajustamento diádico, a perceção de apoio social mostra-se associado positivamente ao funcionamento familiar (Coltro et al., 2020; Bean et al., 2021). Como referido no modelo das determinantes da parentalidade de Belsky (1984; Belsky & Jesffee, 2015; Barroso & Machado, 2010; Coltro et al., 2020; Gomes, 2019; Silva & Vieira, 2018), o tipo de práticas parentais adotadas é influenciada pela rede de suporte social, onde a disponibilidade dos indivíduos que a compõem e o suporte por eles oferecido beneficiam a relação entre as figuras parentais e as crianças (Belsky, 1984). Relembrando os pressupostos descritos anteriormente sobre este modelo, a rede de suporte contribui para melhores níveis de autoestima e bem-estar psicológico e

menores níveis de stress parental (Coltro et al., 2020), o que irá impactar positivamente a sensibilidade e responsividade dos indivíduos enquanto figuras parentais (Coltro et al., 2020).

No que compete à relação conjugal, a falta de suporte dos amigos e da família, ou a dificuldade na integração do novo sistema familiar, associa-se à diminuição da satisfação no recasamento (Falke & Larson, 2007). Pelo contrário, a perceção de apoio social por parte dos amigos e da família, seja através da aceitação ou do encorajamento fortalece a união conjugal, constituindo assim um preditor importante do ajustamento conjugal (Falke & Larson, 2007; Guerrero & Valadez, 2005).

1.2 O presente estudo

Como revisto, é cada vez mais notória a presença de famílias de recasamento. Embora se trate de um fenómeno antigo, ainda é escassa a investigação acerca da adaptação familiar e dos desafios enfrentados (Anderson & Greene, 2013). Esta escassez pode ser justificada pela perceção das famílias de recasamento como desviantes, isto é, caracterizadas por elevada disfuncionalidade e instabilidade relacional (Ganong & Coleman, 2017).

McGoldrick e Carter (1989; citado em Travis, 2003) ressaltam que, enquanto nos primeiros casamentos a dissolução resulta em duas famílias, um recasamento pode envolver três, quatro ou até mais famílias. Esta nova transição obriga a que sistemas estabilizados, ou ainda em fase de estabilização, se reorganizem de forma a permitir a entrada e a participação de membros estranhos, com os quais não partilham uma história familiar, com estilos relacionais diferentes e crenças heterogéneas. O sistema é, por isso, influenciado pela qualidade das relações estabelecidas entre os diversos subsistemas. A forma como a nova díade conjugal funciona, a relação com os enteados e com os ex-parceiros ditam a adaptação e o futuro da nova família.

Embora todas as relações influenciem diretamente o futuro da família, o bom funcionamento do sistema parental e a satisfação com a relação conjugal parecem sustentar o futuro do recasamento. A literatura afirma que a relação construída entre os “pais” por conjugalidade e os enteados influencia diretamente a qualidade da relação entre o casal recasado (Falke & Larson, 2007), tal como a existência de uma rede de apoio que forneça o suporte necessário aos indivíduos para ultrapassar as crises familiares (Fine & Kurdek, 1995).

Perante a reflexão apresentada, nesta investigação propomos a exploração da relação entre a *stepparentalidade*, o ajustamento diádico e a perceção de apoio social. Mais especificamente, formulamos as seguintes hipóteses de investigação:

1. Recasamentos com duração inferior a 3 anos apresentam menores níveis de ajustamento diádico;
2. Melhores níveis de ajustamento diádico estarão relacionados com níveis mais elevados de *stepparentalidade* positiva; por sua vez, a *stepparentalidade* negativa estará associada a pior ajustamento diádico;
3. Maior perceção de apoio social estará relacionado com níveis mais elevados de *stepparentalidade* positiva contrariamente à *stepparentalidade* negativa que estará associada a uma menor perceção de apoio social;
4. O ajustamento diádico estará diretamente relacionado com a perceção de apoio social, particularmente com o apoio do companheiro;
5. A *stepparentalidade* é diretamente influenciada pelo ajustamento social e pela perceção de apoio social.

2. Método

2.1 Participantes

A amostra deste estudo inclui 81 madrastras portuguesas, com idade média de 38.83 anos (DP=7.85). Relativamente à situação profissional, a maioria das participantes (97,5%) estavam empregadas, uma encontrava-se desempregada (1,2%), e uma era estudante (1,2%); sendo que relativamente às habilitações literárias apenas 12 madrastras (14,8%) referiram não ter formação superior.

Tratando-se de uma amostra de recasamento, 70,4% definiu-se como solteira quando questionadas sobre o estado civil anterior à relação atual e 29,6% assumiu-se como divorciada/separada. Acerca desta última condição apenas quatro madrastras afirmaram ter experienciado divórcios litigiosos; sendo que 18,5% afirmou ter demorado até dois anos a entrar nesta nova relação e 11,1% relataram ter passado mais de dois anos entre a separação passada e a atual relação.

No que compete ao número de relações anteriores de coabitação, 48 participantes (59,2%) referenciaram não ter tido nenhuma ou ter tido apenas uma relação de coabitação anterior à relação atual e 33 participantes (40,8%) referiram ter experienciado mais do que uma relação de coabitação.

A média da duração recasamento foi de 4.11 anos (DP=3.53), com 40,47% dos recasamentos com menos de três anos de duração e 29,6% entre três a cinco anos de relacionamento e 29,6% com mais de cinco anos. No que compete aos filhos, todas as participantes possuem enteados, existindo apenas cinco sujeitos que possuem filhos em comum com o atual companheiro e nove mulheres que possuem filhos de relacionamentos passados.

Por último, sobre a satisfação com a condição financeira, 38,2% mostrou-se satisfeita, 39,5% mostrou-se insatisfeita e 22,2% referiu não estar satisfeita nem insatisfeita com a sua condição financeira no recasamento.

Tabela 1 - Estatística descritiva das variáveis sociodemográficas (n = 81)

	N/M	%/SD
Idade	38.83	7.85
Até 38 anos	41	50.6
Mais do que 38 anos	40	49.4
Situação Profissional		
Desempregado	1	1.2
Empregado	79	97.5
Estudante	1	1.2
Habilitações Literárias		
Sem curso superior	12	14.8
Com curso superior	69	85.1
Estado Civil Anterior		
Solteiro	57	70.4
Divorciado/Separado	24	29.6
<i>Tipo de Divórcio</i>		
Litigioso	4	4.9
Mútuo Acordo	20	24.7
Tempo (anos) entre o divórcio/separação e a relação atual		
Até 2 anos	15	18.5
Mais do que 2 anos	9	11.1
Duração do recasamento	4.11	3.53
Até 3 anos	33	40.74
De 3 a 5 anos	24	29.6
Mais do que 5 anos	24	29.6
Relações anteriores de coabitação	1.19	1.001
Nenhuma ou apenas uma	48	59.2
Mais do que uma	33	40.8
Satisfação com a condição financeira (1-5)	3.11	1.07
Satisfeito ou Muito Satisfeito	31	38.2
Nem satisfeito nem insatisfeito	18	22.2
Insatisfeito ou Muito Insatisfeito	32	39.5
Crianças		
Filhos em comum	5	6.2
Filhos de relações anteriores	9	11.1
Enteados	81	100
Apenas um(a) enteado(a)	52	64.2
Mais do que um(a) enteado(a)	29	35.8

2.2 Instrumentos

2.2.1 Questionário Sociodemográfico

Todos os participantes responderam a um questionário que permitiu recolher informações acerca da idade, habilitações literárias e situação profissional. Foram também questionados sobre o estado civil anterior ao recasamento, sobre o tempo que passou entre a última relação amorosa e o atual relacionamento, a duração do recasamento e a existência de filhos próprios (de relações anteriores), filhos em comum com o atual companheiro e enteados.

2.2.2 Escala de Ajustamento Diádico – Revista (EAD-R)

A EAD consiste numa escala de 32 itens construída por Spanier em 1976 cujo objetivo visa a avaliação do ajustamento diádico em casais. A versão utilizada neste estudo corresponde à escala revista por Busby e colaboradores (1995; versão portuguesa - Pereira et al., 2017) composta por 14 itens distribuídos por três subescalas. A subescala consenso inclui as dimensões de tomada de decisão, afeto e valores (itens 1, 2, 3, 4, 5, 6), enquanto a subescala satisfação aborda o conflito e a estabilidade (itens 7, 8, 9, 10) e, por fim, a subescala coesão comporta as dimensões das atividades e discussão (itens 11, 12, 13, 14) (Martins, 2018). Os resultados da escala total variam entre 0 e 69 pontos, estando uma pontuação mais alta associada a melhores níveis de ajustamento do casal. Sabe-se ainda que o ponto de corte assenta numa pontuação de 48, indicando assim que uma pontuação abaixo de 48 pontos expressa a presença de *distress* conjugal (Crane et al., 2000; Martins, 2018).

Relativamente às propriedades psicométricas, a escala total apresenta um alfa de Cronbach de .74. As subescalas do consenso, satisfação e coesão apresentam valores de consistência interna de .42, .54 e .85, respetivamente. Verificou-se que a retirada do item 10 aumentava o valor da consistência interna da subescala da satisfação para .68, o que motivou a decisão da sua eliminação e utilização da escala com 13 itens.

2.2.3 Escala Multidimensional de Suporte Social Percebido (MSPSS-P)

Esta escala de 12 itens inicialmente concebida por Zimet e colaboradores em 1988 e mais tarde adaptada para a população portuguesa por Martins e a sua equipa (2012) procura avaliar a perceção de apoio social dos indivíduos relativamente à família (itens 3, 4, 8, 11), aos amigos (itens 6, 7, 9, 12) e ao companheiro amoroso (itens 1, 2, 5, 10). A

análise psicométrica encontrou valores de consistência interna, alfa de Cronbach, bastante elevados entre .89 a .94 para a escala total e suas subescalas (Martins et al., 2012). As nossas análises revelaram valores entre .94 e .96 para as subescalas e para a escala total.

2.2.4 *Step-Parents as a Social Context Questionnaire* (S-PASCQ – questionário para madrastas; Rocha, 2021)

Em 2005, Skinner desenvolveu o “*Parents as Social Context Questionnaire*” pressupondo a importância da influência dos pais (como contexto social) e dos estilos parentais no desenvolvimento dos seus filhos (Joussemet et al., 2008 citado em Rocha, 2021). O questionário utilizado neste estudo corresponde à versão portuguesa desenvolvida especificamente para madrastas. A validação do instrumento resultou numa estrutura fatorial de sete fatores: “*structure*” (itens 1, 2, 3, 4, 5), “*chaos*” (itens 6, 7, 8, 9, 10), “*autonomy-suport*” (itens 11, 12, 14, 15, 25), “*rejection-affection*” (itens 13, 27, 28), “*coercion*” (itens 16, 17, 18, 19, 20, 26), “*warmth*” (21, 22, 23, 24) e “*rejection-time*” (29, 30) (Rocha, 2021), que permite ainda o agrupamento destes fatores em duas dimensões. A primeira componente, “*stepparentalidade* positiva”, inclui as subdimensões *warmth*, *structure* e *autonomy-suport*, sendo caracterizada por elevados níveis de envolvimento e reforços positivos por parte das figuras parentais, e estando relacionada com níveis mais elevados de bem-estar psicológico das crianças. Contrariamente, a “*stepparentalidade* negativa” engloba as subdimensões *chaos*, *rejection* e *coercion*, cujas práticas parentais colocam as crianças em maior risco de desenvolver problemas emocionais e comportamentais (Deci & Ryan, 1985; Grolnick & Farkas, 2002 citados em Rocha, 2021).

Os autores da escala original sugerem que pontuações elevadas nas escalas da parentalidade positiva estão associadas ao estilo parental autoritativo, ao passo que pontuações elevadas nas dimensões da parentalidade negativa reportam um estilo parental autoritário (Skinner et al., 2005 citado em Rocha, 2021).

A análise da consistência interna realizada por Rocha (2021) aponta valores de alfa de Cronbach entre .70 e .88 para os sete fatores e valores de .92 e .87 para as dimensões da “*stepparentalidade*” positiva e para a “*stepparentalidade*” negativa, respetivamente. As nossas análises revelaram valores de .86 para a escala positiva, .67 para a escala negativa e .70 para a escala total. A autora afirma ainda que a escala exibe melhor desempenho quando utilizadas as duas grandes componentes (idem), justificando assim a utilização deste método nesta investigação.

2.3 Procedimento de análise de dados

A análise estatística foi efetuada com o SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 28.0 para Windows.

Inicialmente foram utilizadas medidas de estatística descritiva, que envolveram a análise de frequências, médias e desvios-padrão, e em seguida, processos de estatística inferencial (*testes-t* para amostras independentes e ANOVA's *one-way*, correlações e regressões múltiplas hierárquicas). Nestes procedimentos foi definido o nível de significância para a rejeição da hipótese nula de $p < .05$. A análise da consistência interna das escalas e subescalas foi realizada através do alfa de Cronbach.

Relativamente às análises de comparação de médias, antes dos testes propriamente ditos, foram explorados os pressupostos subjacentes. Relativamente ao pressuposto da normalidade, foi feita uma avaliação conjunta dos histogramas e do teste de normalidade Shapiro-Wilk. A escolha deste teste em detrimento do teste Komogorov-Smirnov justifica-se pela sua exibição de resultados mais poderosos (Steinskog, 2010; Thode, 2002 citados em Ghasemi & Zahediasl, 2012). No que compete à homogeneidade das variâncias, foram solicitados os procedimentos específicos para a obtenção do teste de Levene, sendo consultados os resultados de acordo com a validação ou rejeição da hipótese nula (Pallant, 2007) – no caso específico da ANOVA *one-way*, a rejeição da hipótese levava à utilização da estatística *Welch*.

Foram ainda realizadas análises de correlações e regressões múltiplas hierárquicas, e os pressupostos que asseguram a validade e o poder dos processos. Relativamente à multicolinearidade foram analisados os coeficientes de correlação, estando assegurado que nenhum valor era superior a .90 (Pallant, 2007), assim como os valores da tolerância (valores superiores a .10) e VIF (valores inferiores a 10) (Pallant, 2007). Nas regressões foram introduzidas apenas as subescalas de cada teste, e excluídas as variáveis que incorporavam a totalidade das escalas de modo a assegurar que nenhuma variável incluía outros preditores – singularidade (Pallant, 2007). Os pressupostos da normalidade dos resíduos, linearidade e homocedasticidade foram analisados com base nos diagramas de resíduos. A independência dos resíduos foi avaliada pela estatística de Durbin-Watson, onde valores próximos de 2 satisfaziam a hipótese nula (Field, 2009).

As regressões múltiplas hierárquicas são utilizadas quando a ordem de introdução das variáveis feita pelo investigador é baseada empiricamente (Pallant, 2007). Assim, escolhemos introduzir no primeiro bloco apenas as variáveis sociodemográficas que apresentaram diferenças estatisticamente significativas nos testes de comparação de

médias com as variáveis principais (ajustamento diádico, percepção de apoio social e *stepparentalidade*). A decisão de não incluir todas as variáveis sociodemográficas baseou-se na diminuição do poder dos resultados pelo aumento significativo do número de preditores. Sabendo que o pressuposto da dimensão da amostra utiliza a equação de Tabachnick e Fidell (2007 citado em Pallant, 2007) $N > 50 + 8m$ (onde m corresponde ao número de preditores), caso optássemos pela inclusão de todas as variáveis sociodemográficas, o nosso estudo precisaria de pelo menos 170 sujeitos para poder ser generalizado para outras amostras. Incluindo apenas as variáveis que apresentaram diferenças significativas, este número amostral diminui para 138.

As variáveis qualitativas incluídas foram transformadas em variáveis Dummy, com valores dicotómicos de 0 e 1, descritos em pormenor na próxima secção.

3. Resultados

3.1 Comparação de médias

Efetuarão-se *testes-t* e ANOVA's para amostras independentes de forma a comparar os diferentes grupos das variáveis sociodemográficas relativamente à *stepparentalidade*, ao ajustamento diádico e à percepção de apoio social. As tabelas de resultados encontram-se nos anexos deste trabalho. Nesta secção são apenas apresentados os resultados significativos.

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas para nenhuma variável incluída na exploração do ajustamento diádico.

No que concerne à percepção de apoio social, foram encontradas diferenças significativas relativamente à variável “filhos próprios”, $t(72) = -2.84$, $p = .011$, $d = 12.67$ sustentando que as madrastas que possuem filhos próprios ($M = 64.00$, $DP = 6.5$) apresentam maiores níveis de percepção de apoio social comparativamente às madrastas que não possuem filhos de relações anteriores ao recasamento ($M = 56.29$, $DP = 13.2$). Na componente referente à família, os *testes-t* mostram que as madrastas que possuem filhos em comum com o atual companheiro ($M = 5.50$, $DP = 0.47$) apresentam maiores níveis de percepção de apoio social por parte do sistema familiar comparativamente aos sujeitos que não possuem filhos em comum com o parceiro ($M = 4.80$, $DP = 1.3$), $t(72) = -2.67$, $p = .03$, $d = 1.26$

A percepção de apoio social por parte dos amigos exhibe diferenças estatisticamente significativas em relação ao estado civil anterior, onde as participantes cujo estado civil anterior era “divorciado/separado” ($M = 5.10$, $DP = .91$) apresentam um nível mais elevado de percepção de apoio social comparativamente às mulheres cujo estado civil anterior era “solteiro” ($M = 4.25$, $DP = 1.4$), $t(72) = -3.07$, $p = .003$, $d = 1.29$. Foram ainda encontradas diferenças sobre a duração do recasamento e a existência de filhos de relações anteriores, nas quais se concluiu que existiam diferenças estatisticamente relevantes entre os grupos “até 3 anos” ($M = 4.83$, $DP = 1.1$) e “de 3 a 5 anos” ($M = 3.89$, $DP = 1.5$), $p = .030$, assim como na condição de ter ($M = 5.33$, $DP = .65$) ou não ter ($M = 4.39$, $DP = 1.37$) filhos próprios, $t(72) = -3.42$, $p = .003$, $d = 1.31$.

Por último, as análises mostram ainda que as madrastas com curso superior ($M = 31.3$, $DP = 5.1$) apresentam níveis superiores de *stepparentalidade* negativa relativamente às madrastas sem curso superior ($M = 27.7$, $DP = 6.7$), $t(79) = -2.19$, $p = .032$, $d = 5.38$. Ainda nesta variável dependente sabe-se também que as participantes que não

experienciaram nenhuma ou tiveram apenas uma relação anterior de coabitação ($M=32.06$, $DP=5.5$) exibem níveis mais elevados de *stepparentalidade* negativa em comparação às madrastas que experienciaram mais do que uma relação anterior de coabitação ($M=28.97$, $DP=5.1$), $t(79) = 2.57$, $p=.012$, $d=5.32$

Tabela 2 - Estatísticas descritivas da variável *stepparentalidade* negativa e diferenças de médias em função das habilitações literárias das participantes

Variáveis	Sem curso	Com curso	<i>t</i>	<i>p</i>	Cohen's <i>d</i>
	superior	superior			
	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>			
<i>Stepparentalidade</i> negativa	27.7 (6.7)	31.3 (5.1)	-2.19	.03	5.38

Tabela 3 - Estatísticas descritivas da variável apoio social dos amigos e diferenças de médias em função do estado civil das participantes

Variáveis	Solteiro	Divorciado/Separado	<i>t</i>	<i>p</i>	Cohen's <i>d</i>
	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>			
Apoio Social Amigos	4.25 (1.4)	5.10 (9.1)	-3.07	.003	1.29

Tabela 4 - Estatísticas descritivas da variável apoio social dos amigos e diferenças de médias em função da duração do recasamento das participantes (anos)

Variáveis	≤ 3	3-5	> 5	<i>F</i>	<i>p</i>	η^2
	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>			
Apoio Social Amigos	4.83 (1.1)	3.89 (1.1)	4.73 (1.20)	3.83	.03	.10

Tabela 5 - Estatísticas descritivas da variável stepparentalidade negativa e diferenças de médias em função do número de relações anteriores de coabitação das participantes

Variáveis	Nenhuma/apenas	Mais do que	<i>t</i>	<i>p</i>	Cohen's <i>d</i>
	uma	uma			
	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>			
Stepparentalidade negativa	32.06 (5.5)	28.97 (5.1)	2.57	.01	5.32

Tabela 6 - Estatísticas descritivas da variável apoio social da família e diferenças de médias em função de ter ou não filhos em comum com o atual companheiro

Variáveis	Sim	Não	<i>t</i>	<i>p</i>	Cohen's <i>d</i>
	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>			
Apoio Social Família	5.50 (.47)	4.80 (1.3)	-2.67	.03	1.26

Tabela 7 - Estatísticas descritivas da variável apoio social dos amigos e diferenças de médias em função de ter ou não filhos de relações anteriores

Variáveis	Sim	Não	<i>t</i>	<i>p</i>	Cohen's <i>d</i>
	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>			
Apoio Social total	64.00 (6.5)	56.29 (13.2)	-2.84	.01	12.67
Apoio Social Amigos	5.33 (.65)	4.39 (1.37)	-3.42	.003	1.31

3.2 Análise de Correlações

Sobre a análise das correlações, a **stepparentalidade positiva** apresenta correlações significativas com: o ajustamento diádico total ($r=.32, p=.004$), a dimensão satisfação ($r=.28, p=.01$), a coesão ($r=.36, p=.001$) e a percepção de apoio social por parte dos amigos ($r=.26, p=.02$). A **stepparentalidade negativa** não exibe correlações estatisticamente significativas.

A **escala de ajustamento diádico** apresenta correlações elevadas e extremamente significativas ($p<.001$) com as subescalas consenso, satisfação e coesão ($r=.74; r=.73; r=.76$, respetivamente). Foram também encontradas correlações significativas com a percepção de apoio social total ($r=.45, p<.001$), por parte da família ($r=.27, p=.018$), dos amigos ($r=.39, p<.001$) e do companheiro ($r=.48, p<.001$). A **subescala consenso** apresenta correlações significativas com as restantes subescalas que avaliam os níveis de ajustamento diádico, apresentando uma correlação mais elevada com a dimensão satisfação ($r=.33, p=.003$) comparativamente à dimensão coesão ($r=.30, p=.01$). Relativamente à sua relação com a percepção de apoio social encontramos valores estatisticamente significativos com o apoio social total ($r=.29, p=.01$), com a escala dos amigos ($r=.27, p=.02$) e do companheiro ($r=.28, p=.02$). Ainda no ajustamento diádico, a **subescala da satisfação conjugal** demonstra também relações significativas com o apoio social total ($r=.27, p=.02$) e com o apoio do companheiro ($r=.34, p=.003$). Por outro lado, a **subescala coesão** apresenta ainda valores significativos com todas as variáveis do apoio social: total ($r=.44, p<.001$), família ($r=.27, p=.02$), amigos ($r=.40, p<.001$) e companheiro ($r=.44, p=.02$).

Para além das relações já descritas, o **apoio social** total exibe ainda correlações elevadas com as suas subescalas: família ($r=.82, p<.001$), amigos ($r=.80, p<.001$) e companheiro ($r=.90, p<.001$). Estas subescalas apresentam também correlações bastante significativas entre si que variam de .40 a .68 ($p<.001$).

Tabela 8 - Coeficientes de correlação de Pearson entre as variáveis de ajustamento diádico, percepção de apoio social e stepparentalidade

Varáveis	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1. Ajustamento diádico	—									
2. Consenso	.74**	—								
3. Satisfação	.73**	.33**	—							
4. Coesão	.76**	.30**	.37**	—						
5. Apoio Social	.45**	.29*	.27**	.44**	—					
6. Família	.27*	.18	.16	.27*	.82**	—				
7. Amigos	.39**	.27*	.19	.40**	.80**	.40**	—			
8. Companheiro	.48**	.28*	.34**	.44**	.90**	.68**	.60**	—		
9. Stepparentalidade Positiva	.32**	.07	.28*	.36**	.22	.09	.26*	.21	—	
10. Stepparentalidade Negativa	-.22	-.19	-.14	-.15	-.01	-.06	-.01	.06	-.17	—

Nota: * $p < .05$. ** $p < .01$

3.3 Regressões Múltiplas Hierárquicas

Com o intuito de analisar o contributo de determinadas variáveis independentes sobre a *stepparentalidade*, foram executadas duas regressões múltiplas hierárquicas de dois blocos, uma para cada componente da parentalidade.

Como supramencionado, em primeiro lugar foram efetuadas as análises necessárias que validam os pressupostos deste processo estatístico. A análise das correlações revelou que não existem correlações elevadas entre as variáveis independentes, o que, aliado à observação dos valores da tolerância e VIF sustentam a não existência de multicolinearidade. Os gráficos solicitados validam os pressupostos de normalidade, linearidade e homocedasticidade, tal como a falta de *outliers*. Relativamente à dimensão amostral, como referido anteriormente segundo a equação $N > 50 + 8m$, a inclusão dos onze preditores (descritos em seguida), precisaria de 138 participantes. Uma vez que a nossa amostra possui apenas 81 madrastras, aliado ao facto de apenas 74 participantes terem respondido ao instrumento MSPSSP contraria o pressuposto da dimensão da amostra. Deve ser ainda referido que, embora a variável estado civil anterior tenha evidenciado diferenças significativas nos testes de comparação de médias, não foi incluída no modelo de regressão para evitar a multicolinearidade com a variável correspondente às relações anteriores de coabitação.

No que respeita à regressão hierárquica propriamente dita, foram introduzidas no primeiro bloco as variáveis sociodemográficas habilitações literárias (0=sem curso superior, 1=com curso superior), número de relações de coabitação anteriores ao recasamento (0=nenhuma ou apenas uma relação, 1=mais do que uma relação), duração do recasamento (0=até 3 anos; 1=mais do que 3 anos) e a existência de filhos em comum (0=não; 1=sim) e filhos próprios (0=não; 1=sim), com a *stepparentalidade* positiva como variável dependente. No bloco dois foram adicionadas as variáveis independentes principais: as três dimensões do ajustamento diádico (consenso, satisfação e coesão) e as três dimensões da perceção de apoio social (família, amigos e companheiro), de forma a ser possível observar o que cada uma contribui à variável dependente, depois de controladas as variáveis anteriores.

Os resultados demonstram que o primeiro modelo não foi estatisticamente significativo $F(5, 68)=2.09, p=.077, R^2=.133$. No entanto, as habilitações literárias apresentam valores de predição estatisticamente significativos ($\beta=.27, p=.031$). A introdução das variáveis de ajustamento diádico e perceção de apoio social ao modelo de regressão ($F(11, 62)=2.07, p=.036, R^2=.269$) permitiu concluir que a combinação destas

variáveis pode explicar 26.9% da variação da VD, que, embora não corresponda a um efeito elevado, é um aumento significativo da variação da *stepparentalidade* positiva. Dos onze possíveis preditores, apenas as habilitações literárias se mostraram novamente como preditor significativo ($\beta=.26$, $p=.043$) da *stepparentalidade* positiva. Embora não contribua significativamente para a variação da VD, a dimensão da satisfação apresenta um valor de significância que deve ser tido em consideração ($\beta=.23$, $p=.067$).

Tabela 9 - Regressão Múltipla Hierárquica para a Stepparentalidade positiva

Preditores	R^2	F	β	t
Modelo 1	.133	2.09		
HL			.27	2.20*
RAC			.20	1.72
DR			-.08	-.68
FC			-.07	-.56
FP			-.14	-1.06
Modelo 2	.269	2.07*		
Consenso			-.02	-.16
Satisfação			.23	1.87
Coesão			.19	1.43
Família			.07	.47
Amigos			.16	1.09
Companheiro			-.14	-.74

Nota: * $p<.05$. ** $p<.01$; HL=Habilitações literárias; RAC=Número de relações anteriores de coabitação; DR=Duração do recasamento; FC=Filhos em comum com o atual companheiro; FP=Filhos próprios (de relacionamentos anteriores)

A segunda regressão hierárquica utilizou a mesma estrutura por blocos, desta vez com a *stepparentalidade* negativa como variável dependente. Antes da análise foram novamente explorados os pressupostos subjacentes à regressão, tendo sido encontrados os mesmos resultados anteriormente apresentados.

Os resultados da regressão hierárquica demonstraram que o primeiro modelo foi estatisticamente significativo $F(2, 68)=2.54$, $p=.037$, $R^2=.157$, explicando 15.7% da variação da *stepparentalidade* negativa. Especificamente, semelhante aos dados obtidos na análise anterior, o único preditor significativo corresponde às habilitações literárias

($\beta=.27$, $p=.026$). O segundo modelo passou a explicar 29.8% da variação da VD, o que corresponde a um aumento significativo da variação da *stepparentalidade* negativa, $F(11, 62)=2.39$, $p=.015$, $R^2=.298$. De todos os possíveis preditores, apenas a dimensão do consenso demonstrou ser um preditor estatisticamente significativo da *stepparentalidade* negativa ($\beta=-.322$, $p=.007$).

Tabela 10 - Regressão Múltipla Hierárquica para a Stepparentalidade negativa

Preditores	R^2	F	β	t
Modelo 1	.157	2.54*		
HL			.27	2.27*
RAC			-.22	-1.9
DR			-.10	-.86
FC			.01	.10
FP			.01	.12
Modelo 2	.298	2.39*		
Consenso			-.32	-2.77*
Satisfação			-.12	-1.32
Coesão			-.01	-.07
Família			-.13	-.81
Amigos			-.004	-.03
Companheiro			.20	1.08

Nota: * $p<.05$. ** $p<.01$; HL=Habilitações literárias; RAC=Número de relações anteriores de coabitação; DR=Duração do recasamento; FC=Filhos em comum com o atual companheiro; FP=Filhos próprios (de relacionamentos anteriores)

4. Discussão

O presente estudo teve como objetivo analisar a relação entre o ajustamento diádico, percepção de apoio social e parentalidade em contexto de recasamento. Embora seja visível um aumento crescente da literatura sobre as famílias de recasamento, a verdade é que ainda existe pouca bibliografia que combine todas estas variáveis. Por conseguinte, esta investigação procurou contribuir para um maior entendimento acerca das dificuldades singulares com que os casais de recasamento e as suas famílias são confrontadas e como a falta de uma rede de apoio pode intensificar o sofrimento causado durante esta transição familiar. Para isso, traçamos algumas hipóteses de investigação baseadas no corpo empírico que encontramos e descrevemos anteriormente.

Na primeira hipótese foi feita a suposição de que os casais cujas relações tivessem uma duração inferior ou igual a três anos apresentariam menores níveis de ajustamento diádico. Embora a literatura apoie que o ajustamento familiar demore entre três e cinco anos, as nossas análises não encontraram resultados estatisticamente significativos que apoiassem esse pressuposto. O ajustamento familiar não é unicamente influenciado pelo ajustamento da díade conjugal, mas sim pela panóplia de relações entre todos os subsistemas e indivíduos; no entanto, é sabido que o nível de satisfação do casal com a relação conjugal influencia diretamente a adaptação e o ajustamento da família à nova realidade.

O facto de os resultados por nós obtidos sustentarem que os casais com uma duração de recasamento inferior não apresentarem menores níveis de satisfação conjugal pode ser fundamentado pela chamada “fase de lua-de-mel”. Este pressuposto não é, contudo, defendido por toda a comunidade científica. Alguns autores acreditam que, devido aos desafios do casal na família de recasamento, como a entrada num sistema complexo com múltiplas relações pré-estabelecidas, não existe espaço para a existência deste período temporal de elevada satisfação conjugal, principalmente quando existem enteados (Mirecki et al., 2013; Rolhas, 2016). Por outro lado, outros autores sustentam a existência desta fase de encantamento (Gates, 2019; Hetherington, 1993; Silva, 2012), onde a grande vontade dos pais biológicos em dar a conhecer a nova parceira aos filhos, aliado aos fortes sentimentos pelo companheiro e a abertura à nova situação familiar, motivam sensações de otimismo e esperança (Gates, 2019). Como já mencionado, os indivíduos que procuram o recasamento apontam, dentre outros motivos, a vontade de ser feliz depois de

uma relação malsucedida, o que pode indicar que, embora experienciem as dificuldades próprias destas famílias, procurem trabalhar em conjunto na sua resolução.

Outro ponto importante é o facto da nossa amostra ser constituída apenas por madrastas onde poucas são mães, seja de filhos em comum com o atual companheiro ou de relacionamentos passados. Isto significa que a maioria destas mulheres faz parte de famílias simples, isto é, famílias onde apenas um dos elementos do casal tem filhos de uniões anteriores. A teoria aponta a complexidade do sistema como um dos fatores preditores de insatisfação conjugal, referindo que quanto mais complexa for a família maior será a sua predisposição à insatisfação com a qualidade da relação (Falke & Larson, 2007). Isto porque, uma família mais complexa implica mais indivíduos e relações que afetaram a díade central (Falke & Larson, 2007).

A segunda hipótese desta investigação pressupunha que a *stepparentalidade* positiva estaria diretamente relacionada com melhores níveis de ajustamento diádico e a *stepparentalidade* negativa a níveis mais baixos de ajustamento.

A nossa análise não revelou relações significativas entre o ajustamento do casal e a parentalidade negativa. No entanto, como referido na apresentação dos resultados, a correlação entre a *stepparentalidade* negativa e a escala total de ajustamento diádico mostrou-se quase significativa; o que nos leva a considerar que esta é uma relação para refletir. Pelo contrário, relativamente à *stepparentalidade* positiva, os resultados obtidos validaram a hipótese, demonstrando que a relação entre ambas as variáveis é positiva e extremamente significativa. A escala de ajustamento diádico está ainda dividida em três dimensões: consenso, satisfação e coesão. Assim, para além de uma relação relevante entre a parentalidade positiva e a escala completa do ajustamento diádico, foram também observadas relações significativas com as dimensões da satisfação e da coesão, sendo por isso possível concluir que maior estabilidade no relacionamento, menos conflituosidade e padrões de comunicação saudáveis estão diretamente relacionados com melhores níveis de parentalidade positiva das madrastas.

Estes dados são consistentes com a informação encontrada na literatura que defende a presença de relações positivas entre a perceção de qualidade do recasamento e a perceção de qualidade da relação entre os “pais” por conjugalidade e os enteados (Bray & Berger, 1993; Hetherington & Clingempeel, 1992; Hobart, 1988 citados em Fine & Kurdek, 1995). Embora a qualidade da relação conjugal também esteja vinculada à qualidade da relação pais biológicos-filhos biológicos nos primeiros casamentos, Fine e Kurdek (1995) acreditam que esta relação é significativamente mais relevante nos

contextos de recasamento dada a maior permeabilidade entre o subsistema conjugal e o subsistema padrasto/madrasta-enteado. Enquanto nas famílias nucleares a díade conjugal antecede a entrada dos filhos e, desta forma, possui mais tempo e espaço para se solidificar gradualmente, nas famílias de recasamento o novo elemento é defrontado com uma díade pré-estabelecida, o que obriga a que a relação conjugal e a relação com os enteados seja construída simultaneamente. A dificuldade em estabelecer relacionamentos significativos com as crianças pode ser influenciada tanto pela ambiguidade inerente aos papéis de madrastra e padrasto, como pela relação primordial entre pais e filhos (Higginbotham, 2005).

Em termos empíricos, esta díade pai/mãe recasado(a)-filho(a) é um subsistema desafiante na integração das famílias de recasamento, uma vez que após o divórcio ou separação dos progenitores, a relação tende a tornar-se mais sólida e interdependente, passando a existir um maior envolvimento e papéis mais equitativos (Higginbotham, 2005; Keshet, 1980; Rodgers & Conrad, 1986), levando a que as crianças e jovens nas famílias de recasamento estejam mais envolvidas no funcionamento das famílias comparativamente às crianças de famílias tradicionais. Gosselin e David (2007 citado em Bean et al., 2021) referem que este maior envolvimento dos enteados, por vezes até superior aos padrastos/madrasas, possa desencadear desajustamento conjugal, triangulação e insatisfação com a relação.

Nesta linha de pensamento, o que acontecer num dos subsistemas, positivo ou negativo, terá repercussões no outro subsistema. Assim, o esforço do novo elemento em desenvolver relações positivas com os seus enteados enfatiza o seu compromisso para com a nova família e para com os filhos do seu parceiro amoroso, fortificando a relação conjugal (Ganong et al., 2019 citado em Bean et al., 2021).

Sabe-se ainda que o tipo de estilo parental adotado pelos padrastos e pelas madrasas dita o carácter da relação estabelecida entre estas figuras e as crianças ou jovens, de tal modo que o estilo autoritativo prediz relações positivas e o estilo autoritário antecipa relações mais negativas (Kison, 2011). O facto de a parentalidade positiva estar diretamente associada ao estilo parental autoritativo e a parentalidade negativa ao estilo autoritário, apoia os resultados encontrados nesta investigação. Por conseguinte, o modo como é construída a relação padrasto/madrasta-enteados estará, efetivamente, correlacionada com o ajustamento da nova díade conjugal. Reciprocamente, “pais” por conjugalidade que reportam maiores níveis de satisfação com o seu relacionamento parecem adaptar-se melhor ao novo papel (Shapiro & Stewart, 2012).

Paralelamente à importância do ajustamento diádico, foi conjecturado que a *stepparentalidade* teria uma relação significativa com a percepção de apoio social das madrastas, mais concretamente que a *stepparentalidade* positiva estaria relacionada com maior percepção de apoio social, e a componente negativa a menores níveis de apoio.

Em congruência com a literatura, as análises estatísticas demonstraram que quanto maior a percepção de apoio social por parte dos amigos maior será a adoção de estratégias parentais positivas das madrastas. Semelhante ao descrito na hipótese anterior, também aqui observamos a existência de uma relação, que embora não seja estatisticamente significativa merece ser alvo de atenção, isto é, a associação entre *stepparentalidade* positiva e a percepção de apoio social total. Surpreendentemente não foram encontradas relações nem com o apoio do companheiro nem da família. No que compete à *stepparentalidade* negativa também não existiram resultados significativos a apresentar.

Embora não tenha sido possível observar a importância das três grandes relações da rede social (família, amigos e companheiro), os dados sustentam que, pelo menos, a percepção de apoio social dos amigos está diretamente relacionada com o processo da *stepparentalidade*.

Recorrendo à literatura, estudos dizem-nos que a qualidade das relações estabelecidas entre as figuras parentais e a sua rede de apoio afeta a qualidade da parentalidade, estando incluídas as relações primárias (familiares e amorosa), como relações secundárias ou terciárias (redes formais) (Coltro et al., 2021). Embora estes autores tenham focado a parentalidade em famílias nucleares, acreditamos que os seus pressupostos podem ser transportados para as famílias de recasamento. Isto porque, a importância do apoio social provém do seu papel no auxílio dado aos indivíduos em momentos de crise. O recasamento consiste numa transição familiar que obriga a uma elevada adaptação do indivíduo, seja ele o progenitor recasado que necessita de construir um ambiente familiar saudável para si e para os seus filhos, seja enquanto padrasto ou madrasta que necessita de descobrir como fazer parte de um sistema de relações tão complexo como as famílias de recasamento. Desta forma, dados os obstáculos destas famílias, os “pais” por conjugalidade devem ter à sua disposição uma rede suficientemente coesa que ofereça o apoio necessário para ultrapassar todos os problemas que advém desta transição, principalmente durante os primeiros anos onde a adaptação será mais difícil (Shapiro & Stewart, 2012).

No entanto, apesar da sua relevância para o bem-estar psicológico destes indivíduos, os padrastos e as madrastas tendem a estar mais isolados e a carecer de

relações sociais significativas (Shapiro, 2014), reportando maiores níveis de stress (Goldsmith, 2004 citado em Johnson et al., 2008), ansiedade e depressão (Doodson, 2014). Em consequência, tendem a procurar maior apoio social no parceiro amoroso na tentativa de dar resposta aos seus medos, legitimar os seus lugares (Shapiro & Stewart, 2012) e encontrar um mediador para as relações conflituosas com os enteados e outras figuras parentais (Johnson et al., 2008); justificando assim a nossa surpresa em não encontrar resultados significativos sobre o apoio do companheiro.

Não obstante, como forma de evitar o estigma associado à sua posição, as madrastas tendem a procurar o apoio social fora do sistema proximal, recorrendo, por exemplo, a grupos de apoio (Craig & Johnson, 2010). Os valores significativos entre *stepparentalidade* positiva e perceção de apoio social por parte dos amigos pode assim ser sustentada pela procura de suporte em indivíduos que estejam enquadrados em situações semelhantes, permitindo trocas de experiência livres de crenças estereotipadas.

Voltando à revisão bibliográfica de Coltro e colaboradores (2021), os autores referem como a perceção de apoio social tem estado diretamente relacionada com o estilo parental autoritativo e a maiores níveis de acolhimento e afetividade por parte dos pais. Todos estes pontos remetem-nos para a parentalidade positiva, neste caso, para a *stepparentalidade* positiva. Uma boa rede de apoio beneficia assim a construção de relacionamentos saudáveis e próximos com os enteados, permitindo o seu estabelecimento enquanto figura parental.

Outra informação interessante resultante das nossas análises é o facto de as madrastas com filhos de casamentos anteriores apresentarem maiores níveis de perceção de suporte social comparativamente às mulheres sem filhos próprios, assim como as que possuem filhos em comum com o atual companheiro exibem melhores níveis de perceção de apoio por parte da família do que as mulheres sem filhos em comum. Isto mostra-nos que a família está mais envolvida quando existem filhos. Uma possível explicação, meramente especulatória, consiste na maior aceitação por parte da família do companheiro quando a mulher é mãe. No entanto, estes dados não correspondem à visão da literatura, que defende que as madrastas sem filhos biológicos apresentam maiores níveis de perceção de apoio do que as madrastas que são mães (Goldsmith, 2004 citado em Johnson, 2008).

Na quarta hipótese consideramos que o ajustamento diádico estaria positivamente relacionado com a perceção de apoio social, o que foi validado pelas análises estatísticas, onde todas as componentes do ajustamento – consenso, satisfação e coesão –

apresentaram relações significativas com a percepção de apoio social. Enquadrado nesta hipótese apontávamos também que melhores níveis de ajustamento diádico estariam associados a níveis mais elevados de percepção de apoio especificamente por parte do companheiro – hipótese que foi também confirmada.

Esta suposição baseava-se em informações já descritas, de que a falta de uma rede de apoio extensa levava a que a madrasta procurasse maior apoio emocional no seu parceiro amoroso, que no caso de ser correspondido permitia melhores níveis de ajustamento conjugal. Kurdek (1991 citado em Ganong & Coleman, 2017) sustenta que a satisfação com a percepção de apoio social relaciona-se com menores níveis de *distress* nos casais de recasamento, não apenas por parte do companheiro, mas das diferentes relações que façam parte da rede de apoio.

Por fim, a última hipótese assumia que a *stepparentalidade* seria diretamente influenciada pela combinação do ajustamento diádico e da percepção de apoio social. Para a sua análise utilizámos o processo da regressão múltipla hierárquica que permite explorar e confirmar a relação entre certas variáveis descrita em modelos empiricamente sustentados (Pallant, 2007). Neste caso, sabíamos que tanto o ajustamento conjugal como a percepção de apoio social eram preditores da parentalidade (Coltro et al., 2020) e *stepparentalidade* (Shapiro & Stewart, 2012); pelo que procurámos compreender como é que a combinação de ambas as variáveis predizia tanto a *stepparentalidade* positiva como a *stepparentalidade* negativa. No primeiro bloco de ambas as regressões, foram introduzidas apenas as variáveis sociodemográficas cujos testes de comparação de médias evidenciaram diferenças estatisticamente significativas; justificando assim a nossa decisão de as controlar antes da análise preditiva das variáveis principais.

Como descrito na secção dos resultados, relativamente à componente positiva da parentalidade no recasamento, a única variável que apresentou uma contribuição estatisticamente significativa, tanto no primeiro como no segundo modelo, foi as habilitações literárias. Contrariamente ao expectável, nenhuma variável do ajustamento diádico nem do apoio social demonstraram ser preditores significativos da *stepparentalidade* positiva, no entanto, após controladas as variáveis referentes às habilitações literárias, duração de recasamento, quantidade de relações anteriores de coabitação e existência de filhos (de relações anteriores ou em comum com o atual companheiro), o modelo que incluía as variáveis principais passou a explicar 26.9% da variação da *stepparentalidade* positiva. Como referido anteriormente, a dimensão da satisfação do ajustamento diádico apresenta uma contribuição quase significativa,

levando a crer que terá um papel importante na predição desta componente da *stepparentalidade*. Hasson-Ohayon e colaboradores (2019) defendem que a satisfação conjugal possui um papel essencial para indivíduos que enfrentam desafios relacionados com a parentalidade. A confusão associada ao papel parental da madrasta, principalmente quando não reside com os seus enteados, pode talvez ser atenuada pela perceção de satisfação com a qualidade da sua relação conjugal; promovendo interações mais positivas com as crianças e jovens. Shapiro (2014) argumenta sobre a importância da qualidade do recasamento na relação estabelecida entre os “pais” por conjugalidade e os enteados, referindo ainda que o facto de sentirem que os seus esforços neste papel são reconhecidos, promove uma diminuição do sofrimento psicológico causado pela *stepparentalidade*.

No que compete à *stepparentalidade* negativa, as habilitações literárias também demonstraram contribuir significativamente para a sua variação. Relativamente ao apoio social e ao ajustamento diádico, embora o segundo modelo explique 29.8% da VD, apenas a dimensão do consenso se apresentou como um preditor significativo. Este é um resultado interessante uma vez que na análise das correlações, a *stepparentalidade* negativa não tinha evidenciado relações significativas com nenhuma outra variável principal.

A subescala do consenso inclui as dimensões de tomada de decisão, afeto e valores (Martins, 2018); pelo que o seu carácter preditivo sobre a *stepparentalidade* negativa demonstra que menores níveis de concordância do casal promovem interações mais negativas das madrastas com os seus enteados. Enquanto uma relação conjugal com elevados níveis de afeto, suporte emocional e boas competências de resolução de conflitos estão relacionadas com menores níveis de stress parental (Colpin, et al., 2000; Mulsow et al., 2002; Wieland & Baker, 2010 citados em Camisasca et al., 2014), relacionamentos caracterizados por elevada conflituosidade tendem a estar associados ao isolamento parental e a interações parentais disfuncionais e hostis (Almeida et al., 1999; Fauchier & Margolin, 2004; Kerig et al., 1993; Krishnakumar & Buehler, 2000; Margolin et al., 2004 citados em Camisasca et al., 2014). Jarmela (2020) na sua investigação sobre o contributo dos estilos parentais e do ajustamento diádico sobre o ajustamento das crianças concluiu que quando os casais apresentam maiores níveis de consenso conjugal adotam estilos parentais mais saudáveis para o ajustamento das crianças.

5. Conclusão

As famílias de recasamento estão cada vez mais presentes na nossa sociedade, sendo por isso indispensável desenvolver corpo empírico que permita explorar e compreender as suas especificidades. Se no passado, o recasamento ocorria maioritariamente em consequência da viuvez de um dos elementos da díade conjugal, atualmente é cada vez mais recorrente encontrar estruturas familiares constituídas por várias famílias e vários sistemas. Assim, a inerente complexidade comporta uma panóplia de adversidades que dificultam o desenvolvimento de relações significativas, levando a que os casais de recasamento apresentam maior risco de separação conjugal e, conseqüente, dissolução familiar (Brimhall & Chizk, 2019).

Por conseguinte, o presente estudo procurou compreender a relação entre a perceção de apoio social, o nível de ajustamento diádico e a parentalidade em contexto de recasamento (*stepparentalidade*), especificamente sobre as madrastas, um elemento das famílias de recasamento que ainda carece de exploração. Os resultados obtidos assumem a existência de uma relação entre todas as temáticas, ou seja, que os estilos de *stepparentalidade* adotados estão associados aos níveis de ajustamento diádico e à possibilidade de ter uma rede de apoio disponível; dados estes que se aproximam do pensamento teórico defendido pela comunidade científica que explora os fenómenos da parentalidade e do recasamento (Belsky, 1984; Belsky & Jeffee, 2015; Coltro et al., 2020; Falke & Larson, 2007; Guerrero & Valadez, 2005).

Embora os resultados explicitados acrescentem informação importante sobre estas estruturas familiares, existem algumas limitações que devem ser abordadas. Em primeiro lugar, a nossa amostra foi constituída por apenas 81 sujeitos, dificultando assim a generalização dos resultados para a população geral. Como descrito anteriormente, a análise das regressões necessitava de um número de participantes superior para garantir o poder da análise. Por outro lado, apesar de termos focado um grupo pouco estudado cientificamente – as madrastas – a falta de um grupo de comparação não permite comparar os resultados e assim associar as evidências encontradas à posição que ocupam na família de recasamento.

Outro ponto que pode ser encarado como uma limitação assenta no instrumento utilizado para avaliar a *stepparentalidade*. Ainda que a autora do estudo de validação do instrumento tenha defendido o seu contributo no estudo das famílias de recasamento

(Rocha, 2021), o facto de se tratar de um instrumento recente levanta a necessidade de desenvolver mais estudos científicos que sustentem o seu valor.

Estudos futuros devem procurar focar as suas análises nas relações entre o ajustamento diádico, a perceção de apoio social e a parentalidade relativamente a outros elementos das famílias de recasamento, como padrastos e os pais e mães recasados(as), assim como em amostras maiores de madrastas. Para além disso, a utilização de vários grupos permitirá vincular os resultados às dificuldades inerentes das diferentes posições ocupadas nestas estruturas familiares. Ademais, sabendo que a presença de crianças dificulta a adaptação familiar e conjugal, seria importante continuar a investigar as diferenças entre viver numa família simples e numa família complexa.

Por último, os desafios destas estruturas familiares são ainda distintos consoante o momento do ciclo de vida onde surgem. Deste modo, torna-se importante desenvolver corpo científico que explore as especificidades de recasamentos em idades mais avançadas, quando os filhos já são adultos.

Este estudo tem ainda implicações para a prática clínica, uma vez que alerta para as dificuldades encontradas por indivíduos que fazem parte de famílias de recasamento. Para além do papel que ocupam na relação conjugal, são ainda chamados a ocupar uma posição parental, onde as suas funções são geralmente indefinidas. A incapacidade de construir relações de confiança e respeito com os enteados e os ex-cônjuges dos seus companheiros pode promover elevados níveis de sofrimento e comprometimento do seu bem-estar psicológico. Por conseguinte, a desinformação de um terapeuta quanto à estrutura familiar, história e valores sociais, dinâmicas relacionais e adversidades enfrentadas por estes casais é preditor de sentimentos de incompreensão e falta de empatia, resultando na incapacidade do profissional em desenvolver estratégias adequadas às problemáticas apresentadas e à singularidade, não só dos indivíduos, como também dos próprios sistemas conjugal e familiar (Michaels, 2007; Brimhall & Chizk, 2019).

Assim sendo, este estudo permite alertar os terapeutas sobre a realidade de algumas das dificuldades dos casais de recasamento. Apenas desta forma conseguirão fornecer o apoio psicológico necessário às problemáticas trazidas para dentro do espaço clínico.

6. Referências Bibliográficas

- Anderson, E. R., & Greene, S. M. (2013). Beyond Divorce: Research on Children in Repartnered and Remarried Families. *Family Court Review*, 51(1), 119-130. <https://psycnet.apa.org/record/2013-01616-014>
- Bean, R., Ledermann, T., Higginbotham, B. & Galliher, R. (2021). Adjustment Difficulties and Marital Stability in Remarriages: The Role of Stepfamily Constellation. *Marriage & Family Review*, 57(8), 721-740. <https://doi.org/10.1080/01494929.2021.1958123>
- Barroso, R. & Machado, C. (2010). Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. *Psychologica*, 52(1), 211-229. https://impactum-journals.uc.pt/psychologica/article/view/1647-8606_52-1_10
- Belsky, J. (1984). The Determinants of Parenting: A Process Model. *Child Development*, 55(1), 83-96. <https://psycnet.apa.org/doi/10.2307/1129836>
- Belsky, J., & Jaffee, S. R. (2015). The multiple determinants of parenting. In Cichetti, D. & Cohen, D. (Eds.), *Developmental Psychopathology: Volume Three: Risk, Disorder, and Adaptatio* (38-85). John Wiley & Sons, Inc.
- Bessa, M. (2012). *Intervenção psicoterapêutica, depressão e percepção de ajustamento diádico em casais grávidos* [Dissertação de Mestrado, Universidade Católica do Porto]. Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa. <http://hdl.handle.net/10400.14/23843>
- Borges, I. C. N. (2010). *Qualidade da parentalidade e bem-estar da criança* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra]. Repositório científico da Universidade de Coimbra. <https://eg.uc.pt/handle/10316/15564>
- Brimhall, A. & Chizk, G. (2019). Remarriage in Couple and Family Therapy. In Lebow, J., Chambers, A., Breunlin, D. (Eds.), *Encyclopedia of Couple and Family Therapy* (2481-2486). Springer Cham.
- Busby, D. M., Christensen, C., Crane, D. R., & Larson, J. H. (1995). A revision of the dyadic adjustment scale for use with distressed and nondistressed couples: construct hierarchy and multidimensional scales. *Journal of Marital and Family Therapy*, 21(3), 289-308. <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.1995.tb00163.x>
- Camisasca, E., Miragoli, S. & Di Blasio, P. (2014). Is the Relationship Between Marital Adjustment and Parenting Stress Mediated or Moderated by Parenting Alliance?

- Europe's Journal of Psychology*, 10(2), 235–254.
<https://ejop.psychopen.eu/index.php/ejop/article/view/724>
- Cano, D. S., Gabarra, L. M., Moré, C. O. & Crepaldi, M. A. (2009). As transições familiares do divórcio ao recasamento no contexto brasileiro. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(2), 214-222.
<https://www.scielo.br/j/prc/a/NC7Q54739cMs5DdhP6qjtzK/abstract/?lang=pt>
- Cherlin, A. (1978). Remarriage as na Incomplete Institution. *American Journal of Sociology*, 84(3), 634-650.
<https://www.journals.uchicago.edu/doi/pdf/10.1086/226830>
- Coltro, B., Paraventi, L. & Vieira, M. (2020). Relações entre Parentalidade e Apoio Social: Revisão Integrativa de Literatura. *Contextos Clínicos*, 13(1), 244-269.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822020000100013
- Costa, J. M. & Dias, C. M. S. B. (2012). Famílias recasadas: mudanças, desafios e potencialidades. *Psicologia: teoria e prática*, 14(3), 72-87.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872012000300006.
- Craig, E. & Johnson, A. (2010). Role strain and onlinesocial support forchildless stepmothers. *Journal of Social and Personal Relationships*, 28(6), 868–887.
<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0265407510393055>
- Crane, D. R., Middleton, K. C., & Bean, R. A. (2000). Establishing Criterion Scores for the Kansas Marital Satisfaction Scale and the Revised Dyadic Adjustment Scale. *American Journal of Family Therapy*, 28(1), 53-60.
<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/019261800261815>
- DeLongis, A. & Zwicker, A. (2017). Marital satisfaction and divorce in couples in stepfamilies. *Current Opinion in Psychology*, 13, 158-161.
<https://dx.doi.org/10.1016/j.copsyc.2016.11.003>
- Doodson, L. J. (2014). Understanding the Factors Related to Stepmother Anxiety: A Qualitative Approach. *Journal of Divorce & Remarriage*, 55, 645–667.
<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10502556.2014.959111>
- Falke, S. I., & Larson, J. H. (2007). Premarital predictors of remarital quality: Implications for clinicians. *Contemporary Family Therapy*, 29(1-2), 9-23.
<https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/s10591-007-9024-4.pdf>.
- Field, A. (2009). *Descobrimdo a estatística usando o SPSS*. Artmed Editora

- Fine, M. A., & Kurdek, L. A. (1995). The relation between marital quality and (step)parent-child relationship quality for parents and stepparents in stepfamilies. *Journal of Family Psychology*, 9(2), 216-223. https://libres.uncg.edu/ir/uncg/f/M_Fine_Relation_1995.pdf
- Ganong, L. & Coleman, M. (2017). *Stepfamily Relationships: Development, dynamics and interventions* (2nd ed.). Springer.
- Garneau, C. L., Higginbotham, B., & Adler-Baeder, F. (2015). Remarriage beliefs as predictors of marital quality and positive interaction in stepcouples: An actor-partner interdependence model. *Family process*, 54(4), 730-745. https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/famp.12153?casa_token=nDCuo42jo-UAAAAA%3AububIQ4p0YZmgPiVKkzW4uxuzHnh-qYbkwSWr9U86Qy-VuR0FBfF1UtSECBO3mtNjBvvkEO8qY6tmhZJ.
- Gates, A. L. (2019). Stepmothers' Coparenting Experience with the Mother in Joint Custody Stepfamilies. *Journal of Divorce & Remarriage*, 60(4), 253-269. <https://doi.org/10.1080/10502556.2018.1488124>
- Genovese, Z. & Genovese, T. (1997). Developing the spousal relationship within stepfamilies. *Family in Society: The Journal of Contemporary Human Services*, 78(3), 255-263. <https://journals.sagepub.com/doi/10.1606/1044-3894.773>
- Ghasemi A, Zahediasl S. (2012). Normality Tests for Statistical Analysis: A Guide for Non-Statisticians. *International Journal of Endocrinology & Metabolism*. 10(2), 486-9. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3693611/>
- Gold, J. (2010). Helping Stepfathers "Step Away" From the Role of "Father": Directions for Family Intervention. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 18(2) 208-214. <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.928.672&rep=rep1&type=pdf>
- Gomes, C. S. (2019). *Ajustamento conjugal, estilos parentais e ajustamento da criança* [Dissertação de Mestrado, Universidade Autónoma de Lisboa]. Repositório Institucional da Universidade Autónoma de Lisboa. <https://repositorio.ual.pt/handle/11144/4280>
- Guerrero, L. & Valadez (2005). *Stepparents: Social support systems and factors that contribute to role fulfillment* [Dissertação de Mestrado, Universidade da Califórnia]. Theses Digitization Project. <https://scholarworks.lib.csusb.edu/etd-project/2868/>

- Hasson-Ohayon, I., Ben-Pazi, A., Silberg, T., Pijnenborg, G., & Goldzweig, G. (2019). The mediating role of parental satisfaction between marital satisfaction and perceived family burden among parents of children with psychiatric disorders. *Psychiatry research*, 271, 105–110. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2018.11.037>
- Hetherington, E. (1993). An overview of the Virginia Longitudinal Study of Divorce and Remarriage with a focus on early adolescence. *Journal of Family Psychology*, 7(1), 39-56. <https://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2F0893-3200.7.1.39>
- Higginbotham, B. J. (2005). *The Remarriage Belief Inventory: Testing the factorial structure and validity with a remarried sample*. [Tese de Doutorado, Universidade de Auburn]. https://etd.auburn.edu/bitstream/handle/10415/739/HIGGINBOTHAM_BRIAN_18.pdf?sequence=1&isAllowed=y.
- Higginbotham, B. J., & Adler-Baeder, F. (2008). Assessing beliefs about remarriages and stepfamilies: The remarriage belief inventory. *Journal of Divorce & Remarriage*, 48(3-4), 33-54. https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1300/J087v48n03_03.
- Johnson, A. J., Wright, K. B., Craig, E. A., Gilchrist, E. S., Lane, L. T., & Haigh, M. M. (2008). A model for predicting stress levels and marital satisfaction for stepmothers utilizing a stress and coping approach. *Journal of Social and Personal Relationships*, 25(1), 119-142. <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.849.4166&rep=rep1&type=pdf>
- Jarmela, A. T. R. (2020). *Contributo do Ajustamento Conjugal e Estilos Parentais no Ajustamento da Criança dos 5 aos 10 anos* [Dissertação de Mestrado, Universidade Autónoma de Lisboa]. Repositório Institucional da Universidade Autónoma de Lisboa. <https://repositorio.ual.pt/handle/11144/5200>
- Keshet, J. K. (1980). From separation to stepfamily. *Journal of Family Issues*, 1(4), 517-532. <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0192513X8000100405>.
- Kison, S. (2011). *Relationships of combined parenting styles of step and biological parents in stepfamily relationship formation and emerging adult stepchildren's adjustment* [Dissertação de Mestrado, Universidade da Florida Central]. <https://stars.library.ucf.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2141&context=honorstheses1990-2015>
- Lobo, C. & Conceição, C. P. (2003). O recasamento em Portugal. *Sociologia, problemas e práticas*, 42, 121-159. <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/342>.

- Martins, J. D. G. (2018). *O Impacto da Precocidade da Menopausa na Percepção da Satisfação Conjugal e do Ajustamento Diádico* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/36714>
- Martins, L. S. S. (2016). *Recasamento: Relações familiares na perspectiva dos filhos*. [Tese de Doutoramento, Universidade Católica do Rio de Janeiro]. <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/27415/27415.PDF>.
- Martins, M. V., Peterson, B. D., Almeida, V. & Costa, M. E. (2012). Measuring perceived social support in Portuguese adults trying to conceive: adaptation and psychometric evaluation of the Multidimensional Scale of Perceived Social Support. *Peritia*, 13, 5-14. https://www.researchgate.net/publication/258433678_Martins_MV_Peterson_BD_Almeida_VM_Costa_ME_2012_Measuring_perceived_social_support_in_Portuguese_adults_trying_to_conceive_adaptation_and_psychometric_evaluation_of_the_Multidimensional_Scale_of_Perce
- Michaels, M. L. (2007). Remarital issues in couple therapy. *Journal of Couple & Relationship Therapy*, 6(1-2), 125-139. https://www.tandfonline.com/action/showCitFormats?doi=10.1300%2FJ398v06n01_11
- Miller, A., Cartwright, C., & Gibson, K. (2018). Stepmothers' Perceptions and Experiences of the Wicked Stepmother Stereotype. *Journal of Family Issues*, 39(7), 1984–2006. <https://doi.org/10.1177/0192513X17739049>
- Mirecki, R., Chou, L., Elliott, M., Scheneider, C. (2013). What Factors Influence Marital Satisfaction? Differences Between First and Second Marriages. *Journal of Divorce & Remarriage*, 54(1), 78-93. <https://doi.org/10.1080/10502556.2012.743831>
- Oliveira, A. L. (2005). *“Irmãos, meios-irmãos e co-irmãos”*: A dinâmica das relações fraternas no recasamento [Tese de Doutoramento, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15661>.
- Pallant, J. (2011). *SPSS Survival Manual: A step by step guide to data analysis using SPSS*. Allen & Unwin.
- Papernow, P. (2017). Clinical Guidelines for Working With Stepfamilies: What Family, Couple, Individual, and Child Therapists Need to Know. *Family Process*, 57(1), 25-51. <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/famp.12321>

- PORDATA (2021, Junho). *Indicadores de casamentos e divórcios em Portugal*
[https://www.pordata.pt/Subtema/Portugal/Casamentos+e+Div%
c3%b3rcios-33](https://www.pordata.pt/Subtema/Portugal/Casamentos+e+Div%c3%b3rcios-33).
- Pereira, M., Moura-Ramos, M., Narciso, I., & Canavarro, M. C. (2017). *Psychometric properties of the Revised Dyadic Adjustment Scale (DAS) in a sample of couples: Testing the factorial invariance across gender* [Conference session]. 14th European Conference on Psychological Assessment, Lisbon, Portugal
- Prá, D. D. (2013). *A diversidade na configuração familiar: Uma revisão da literatura* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul].
<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/117876/000880546.pdf?seq>
- Rocha, H. B. S. (2021). *Step-Parents As a Social Context Questionnaire: a validation study with stepmothers* [Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto].
Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/134238>
- Sager, C. J., Walker, L., Brown, H. S., Rodstein, E. & Crohn, H. (1983). *Treating the Remarried Family*. Taylor & Francis.
- Santos, A. M. O. (2022). *Parentalidade na infância: relação com a parentalidade e qualidade de vida atual* [Dissertação de Mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias]. Repositório Científico Lusófona.
<https://recil.ensinolusofona.pt/handle/10437/12919>
- Shapiro, D. (2014). Stepparents and Parenting Stress: The Roles of Gender, Marital Quality, and Views about Gender Roles. *Family Process*, 53(1), 97-108.
<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24628087/>
- Shapiro, D. & Stewart, A. (2012). Dyadic Support in Stepfamilies: Buffering Against Depressive Symptoms Among More and Less Experienced Stepparents. *Journal of Family Psychology*, 26(5), 833-838. <https://psycnet.apa.org/record/2012-22785-001>
- Silva, L. F. (2016). *Recasamento: Identificando Representações Sociais na Conjugalidade e na Parentalidade* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro]. <https://tede.ufrrj.br/jspui/handle/jspui/4492>
- Silva, P. S. T. (2012). *Perceção da Conjugalidade por Casados e Recasados. A inelutável comparação* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra]. Repositório científico da Universidade de Coimbra.
<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/23501>

- Silva, M. L. & Vieira, M. L. (2010). Relações entre a parentalidade e a personalidade de pais e mães: uma revisão integrativa da literatura. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 18(1), 361-383.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812018000100020
- Silva, P., Trindade, Z. & Junior, A. (2012). As representações sociais de conjugalidade entre casais recasados. *Estudos de Psicologia*, 17(3), 435-443.
<https://www.scielo.br/j/epsic/a/wdMQPPtm6C8KtQJvdhbs9Bc/?format=pdf&lang=pt>
- Rodgers, R. H. & Conrad, L. M. (1986). Courtship for remarriage: Influences n family reorganization after divorce. *Journal of Marriage and the Family*, 48, 767-775.
<https://psycnet.apa.org/record/1988-07310-001>
- Rolhas, R. A. C. (2016). *Satisfação conjugal, coping diádico e funcionamento familiar – contributo para a geometria de famílias intactas e reconstruídas* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa.
https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/28163/1/ulfpie051272_tm.pdf
- Travis, S. (2003). *Construções familiares: um estudo sobre a clínica do recasamento*. [Tese de Doutoramento, Universidade Católica do Rio de Janeiro].
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=087248&pid=S1413-0394201100010001000018&lng=pt
- Uyeki, K. (2019). *Contributo para a validação portuguesa do Remarriage Belief Inventory (RMBI): escala de avaliação de crenças face ao recasamento*. [Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto]. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/123948/2/365728.pdf>.
- Vicente, H. C. S. R. (2017). *Pressão económica, satisfação conjugal e exposição dos filhos ao conflito em situação de reconjugalidade*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa]. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/33091>.

7. Anexos

Tabela 11 - Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias em função da idade das participantes

Variáveis	≤ 38 anos		> 38 anos		<i>t</i>	<i>p</i>	Cohen's <i>d</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Ajustamento diádico	36.09	9.5	35.26	11.7	.36	.73	10.51
Consenso	16.85	4.7	15.77	5.1	.98	.33	4.88
Satisfação	7.04	4.2	7.34	4.3	-.31	.76	4.26
Coesão	12.20	4.7	12.14	5.3	.05	.96	4.98
Apoio Social	58.57	13.2	55.47	12.4	1.03	.31	12.83
Família	19.55	5.2	19.22	4.9	.28	.78	5.09
Amigos	18.98	4.9	16.8	5.8	1.77	.08	5.29
Companheiro	20.05	5.0	19.47	4.8	.50	.62	4.92
<i>Stepparentalidade</i> positiva	44.24	6.2	43.40	8.0	.53	.60	7.01
<i>Stepparentalidade</i> negativa	30.17	5.5	31.63	5.5	-1.18	.24	5.49

Tabela 12 - Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias em função da situação profissional das participantes

Variáveis	Desempregado		Empregado		Estudante		<i>F</i>	<i>p</i>	η^2
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Ajustamento diádico	20.00	-	36.00	10.4	30.00	-	.96	.39	.03
Consenso	13.00	-	16.41	4.9	18.00	-	.29	.75	.07
Satisfação	6.00	-	7.23	4.3	4.00	-	.32	.73	.01
Coesão	1.00	-	12.37	4.8	8.00	-	.32	.05	.07
Apoio Social	36.0	-	57.51	12.77	58.00	-	1.40	.25	.04
Família	4.25	-	4.86	1.28	4.50	-	.15	.86	.004
Amigos	2.00	-	4.53	1.33	5.00	-	1.88	.16	.05
Companheiro	2.75	-	4.98	1.21	5.00	-	1.66	.20	.05
<i>Stepparentalidade</i> positiva	45.00	-	43.91	7.1	40.00	-	.17	.85	.004
<i>Stepparentalidade</i> negativa	30.00	-	30.86	5.6	27.0	-	.25	.78	.01

Tabela 13 - Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias em função das habilitações literárias das participantes

Variáveis	Sem curso superior		Com curso superior		<i>t</i>	<i>p</i>	Cohen's <i>d</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Ajustamento diádico	34.92	10.1	35.87	10.6	-.29	.77	10.52
Consenso	16.25	4.1	16.41	5.0	-.10	.92	4.91
Satisfação	6.75	3.8	7.25	4.3	-.37	.71	4.26
Coesão	11.92	6.4	12.22	4.7	-.16	.88	4.98
Apoio Social	52.10	14.0	58.03	12.6	-1.37	.18	12.76
Família	5.03	1.1	4.82	1.3	-.47	.64	1.27
Amigos	3.75	1.7	4.63	1.2	-1.96	.054	1.32
Companheiro	4.25	1.6	5.06	1.1	-1.98	.052	1.20
<i>Stepparentalidade</i> positiva	40.33	10.7	44.49	6.0	-1.31	.21	6.86
<i>Stepparentalidade</i> negativa	27.7	6.7	31.3	5.1	-2.19	.03	5.38

Tabela 14 - Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias em função do estado civil das participantes

Variáveis	Solteiro		Divorciado/Separado		<i>t</i>	<i>p</i>	Cohen's <i>d</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Ajustamento diádico	34.47	10.7	38.71	9.5	-1.68	.10	10.34
Consenso	15.77	10.7	17.83	5.1	-1.76	.08	4.82
Satisfação	6.89	4.0	7.83	4.7	-.91	.37	4.24
Coesão	11.81	5.1	13.0	4.6	-1.03	.31	4.95
Apoio Social	55.67	13.7	60.91	9.8	-1.62	.11	12.70
Família	4.84	1.3	4.88	1.2	-.10	.92	1.27
Amigos	4.25	1.4	5.10	9.1	-3.07	.003	1.29
Companheiro	4.82	1.3	5.25	.95	-1.38	.17	1.22
<i>Stepparentalidade</i> positiva	43.68	7.3	43.33	6.3	-.38	.71	7.02
<i>Stepparentalidade</i> negativa	31.2	4.99	29.9	6.59	.98	.33	5.50

Tabela 15 - Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias em função do tipo de divórcio das participantes que referiram o estado civil anterior como “divorciado/solteiro” (N=24)

Variáveis	Litigioso		Mútuo Acordo		<i>t</i>	<i>p</i>	Cohen's <i>d</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Ajustamento diádico	40.50	9.9	30.35	9.6	.41	.69	9.66
Consenso	18.75	5.1	17.65	5.2	.99	.70	5.18
Satisfação	9.00	5.8	7.60	4.6	.53	.60	4.81
Coesão	12.75	4.6	13.10	4.7	-.14	.89	4.68
Apoio Social	55.25	9.8	62.17	9.6	-1.30	.21	9.63
Família	3.94	1.25	5.08	1.18	-1.75	.10	1.19
Amigos	4.81	1.21	5.17	.86	-.70	.49	.92
Companheiro	5.06	.83	5.29	1.0	-.43	.68	.97
<i>Stepparentalidade</i> positiva	44.25	9.9	44.35	5.68	-.03	.98	6.42
<i>Stepparentalidade</i> negativa	25.5	3.4	30.8	6.8	-1.49	.15	6.42

Tabela 16 - Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias em função do tempo (anos) entre o divórcio/separação e a relação atual das participantes que referiram o estado civil anterior como “divorciado/solteiro” (N=24)

Variáveis	≤ 2 anos		> 2 anos		<i>t</i>	<i>p</i>	Cohen's <i>d</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Ajustamento diádico	39.79	10.1	36.38	8.6	.80	.43	9.64
Consenso	18.29	5.9	17.88	3.6	.18	.86	5.21
Satisfação	7.93	5.2	7.50	4.3	.20	.84	4.86
Coesão	13.57	3.82	11.0	5.6	1.29	.21	4.50
Apoio Social	63.67	8.6	57.25	10.6	1.49	.15	9.45
Família	5.17	1.1	4.34	1.4	1.45	.16	1.24
Amigos	5.31	.76	4.94	1.1	.91	.38	.90
Companheiro	5.44	.97	5.03	.91	.94	.36	.95
<i>Stepparentalidade</i> positiva	44.93	6.07	41.88	6.6	1.10	.28	6.25
<i>Stepparentalidade</i> negativa	31.86	7.7	27.25	3.4	1.92	.07	6.56

Tabela 17 - Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias em função da duração do recasamento das participantes

Variáveis	≤ 3 anos		3 a 5 anos		> 5 anos		<i>F</i>	<i>p</i>	η^2
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Ajustamento diádico	37.03	10.8	35.46	9.7	34.21	10.87	.51	.60	.01
Consenso	17.09	4.9	15.79	3.8	16.0	5.7	.59	.56	.02
Satisfação	7.55	4.48	7.29	4.2	6.54	4.0	.40	.67	.01
Coesão	12.39	4.7	12.38	5.7	11.67	4.6	.18	.84	.004
Apoio Social	60.66	8.8	52.48	15.5	57.68	13.4	2.75	.07	.07
Família	5.01	1.1	4.59	1.5	4.92	1.22	.76	.47	.02
Amigos	4.83	1.1	3.89	1.1	4.73	1.20	3.83	.03	.10
Companheiro	5.33	.78	4.64	1.43	4.77	1.4	2.96	.06	.06
<i>Stepparentalidade</i> positiva	45.12	5.6	42.96	8.9	43.08	6.6	.88	.42	.02
<i>Stepparentalidade</i> negativa	31.82	5.5	29.96	4.8	30.25	6.1	.96	.39	.02

Tabela 18 - Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias em função do número de relações anteriores de coabitação das participantes

Variáveis	Nenhuma/apenas uma		Mais do que uma		<i>t</i>	<i>p</i>	Cohen's <i>d</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Ajustamento diádico	34.17	10.4	38.00	10.3	-1.64	.11	10.35
Consenso	15.98	5.0	16.97	4.7	-.90	.37	4.89
Satisfação	6.81	4.0	7.70	4.5	-.92	4.28	4.24
Coesão	11.38	4.9	13.33	4.9	-1.77	.08	4.87
Apoio Social	56.39	13.9	58.47	11.3	-.68	.50	12.87
Família	4.87	1.2	4.83	1.3	.15	.88	1.27
Amigos	4.27	1.5	4.85	1.0	-1.99	.51	1.32
Companheiro	4.95	1.2	4.94	1.3	.15	.88	1.23
<i>Stepparentalidade</i> positiva	42.96	7.6	45.21	5.4	-1.44	.16	6.94
<i>Stepparentalidade</i> negativa	32.06	5.5	28.97	5.1	2.57	.01	5.32

Tabela 19 - Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias em função da satisfação com a condição financeira das participantes

Variáveis	SAT/MT SAT		NSNI		IN/MT IN		F	p	η^2
	M	DP	M	DP	M	DP			
Ajustamento diádico	37.65	12.1	35.00	9.99	34.28	8.9	.87	.42	.02
Consenso	16.42	5.5	16.67	5.0	16.19	4.3	.06	.95	.001
Satisfação	8.52	4.7	5.72	3.9	6.69	3.7	2.68	.08	.07
Coesão	12.71	4.8	12.61	5.6	11.41	4.8	.63	.54	.02
Apoio Social	59.34	12.0	55.38	15.0	56.14	12.5	.66	.52	.02
Família	4.99	1.2	4.56	1.6	4.87	1.2	.59	.56	.02
Amigos	4.67	1.2	4.50	1.5	4.34	1.5	.43	.66	.01
Companheiro	5.17	1.1	4.78	1.5	4.82	1.2	.79	.46	.02
<i>Stepparentalidade</i> positiva	44.87	5.5	44.06	7.0	42.81	8.2	.69	.51	.02
<i>Stepparentalidade</i> negativa	31.35	4.8	31.06	6.9	30.13	5.4	.41	.66	.01

Nota: SAT/MT SAT= Satisfeito ou muito satisfeito; NSNI=Nem satisfeito nem insatisfeito; IN/MT IN=Insatisfeito ou muito insatisfeito

Tabela 20 - Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias em função de ter ou não filhos em comum com o atual companheiro

Variáveis	Sim		Não		<i>t</i>	<i>p</i>	Cohen's <i>d</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Ajustamento diádico	36.00	15.1	35.67	10.2	-.19	.85	10.51
Consenso	17.80	7.6	16.29	4.7	-.67	.51	4.90
Satisfação	8.00	6.00	7.12	4.1	-.45	.66	4.25
Coessão	10.80	4.4	12.26	5.0	.64	.53	4.97
Apoio Social	65.40	13.0	56.64	5.4	-1.49	.14	12.73
Família	5.50	.47	4.80	1.3	-2.67	.03	1.26
Amigos	5.45	.80	4.44	1.3	-1.65	.10	1.33
Companheiro	5.40	.76	4.92	1.2	-.85	.40	1.23
<i>Stepparentalidade</i> positiva	40.80	6.0	44.08	7.0	1.02	.16	6.98
<i>Stepparentalidade</i> negativa	31.20	9.1	30.78	5.3	-1.7	.43	5.54

Tabela 21 - Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias em função de ter ou não filhos de relações anteriores

Variáveis	Sim		Não		<i>t</i>	<i>p</i>	Cohen's <i>d</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Ajustamento diádico	36.22	10.9	35.67	10.5	-.15	.88	10.52
Consenso	17.33	5.5	16.26	4.8	-.62	.54	4.90
Satisfação	7.44	4.3	7.14	4.3	-.20	.80	4.26
Coesão	11.44	5.5	12.26	4.9	-.47	.64	4.98
Apoio Social	64.00	6.5	56.29	13.2	-2.84	.01	12.67
Família	5.22	.84	4.80	1.31	-.94	.35	1.26
Amigos	5.33	.65	4.39	1.37	-3.42	.003	1.31
Companheiro	5.44	.66	4.88	1.27	-1.30	.20	1.22
<i>Stepparentalidade</i> positiva	42.00	5.5	44.11	7.14	.85	.20	6.99
<i>Stepparentalidade</i> negativa	30.78	7.12	30.81	5.3	-.17	.49	5.54